


BLUMENAU

em Cadernos

	TOMO	XXXVIII
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU 25 ANOS	OUTUBRO	1997
	NÚMERO	10

**BLUMENAU
EM CADERNOS**

40 ANOS

1957 - 1997

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau
Braulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



BLUMENAU

COPYRIGHT © 1997 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Gilberto da Silva Santos

Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Frente: **Rua 15 de Novembro na década de 1950**

(Casa Husadel, Livraria Blumenauense e antiga Igreja Matriz)

Verso: **Rua 15 de Novembro na década de 1910**

(Casa Comercial Hermann Hering, Casa Husadel e Igreja Matriz)

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

SUMÁRIO

Com os Botocudos <i>Gunther Plüschow</i>	07
A Freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar e as Desavenças com a Colônia Blumenau <i>André Fabiano Voigt</i>	24
Bodas de Diamante de Peter Schelle.....	31
Inauguração do Pavilhão em Alumínio <i>Hercílio Deeke (Niels Deeke)</i>	44
O Pintor Frederico Latta <i>Edison d'Ávila</i>	49
A Vida do Colono <i>Siegfried Carlos Wahle</i>	51
As Armas do Circolo Italiano di Blumenau <i>Edison Mueller</i>	54
Livros Novos / Quem se lembra dele? / Variadas <i>Enéas Athanázio</i>	57

História & Historiografia

Com os Botocudos*

Texto:

GUNTER
PLÜSCHOW

BLUMENAU
em Cadernos

Em 1928, o aviador, marinheiro e explorador alemão Gunther Plüschow, esteve de passagem em Blumenau, quando de sua célebre viagem à Terra do Fogo, em um barco pesqueiro, numa expedição financiada pelo "Berliner Illustrierte Zeitung". Naquela oportunidade o célebre explorador escreveu uma série de três artigos sobre a visita, que fez ao Posto "Duque de Caxias", onde se encontram aldeados os restos das tribos de botocudos do Vale do Itajaí.

No livro que publicou em 1936, "Silberkondor über Feuerland", Gunther Plüschow reproduz estes artigos com alterações, além de contar outros pormenores de sua visita a Blumenau.

Além dessa obra, Gunther Plüschow publicou mais: "Die Abenteuer des Fliegers von Tsingtau", "Segelfahrt ins Wunderland" e inúmeros artigos para jornais e revistas.



*) Tradução de J. Ferreira da Silva, do original publicado em "Berliner Illustrierte Zeitung", Nos. 45 a 47, de novembro de 1928 ("Bei den Botokuden")

- Warnow !

Com uma súbita freiada, o trem parara. Eu adormecera, em virtude das muitas fadigas dos últimos dias, que me haviam esgotado os nervos. Fui atirado, rudemente, para a frente. Esfreguei os olhos e tive que pensar, por algum tempo, onde era mesmo o lugar em que me achava. E então, novamente, soou a mesma voz:

- Warnow !

Deus do Céu! Warnow? Onde estou então? Estarei, então, na minha velha terra natal, Mecklemburgo? ... Havia pouco que eu lá estivesse ... Não, não havia dúvida. E a voz repetia, alta e pausadamente:

- W-a-r-no-w!

Então eu estivera sonhando que me achava no Brasil ... Estou é mesmo em Mecklemburgo?

Saltei do carro. Ali está realmente, a tabuleta branca, diante do meu nariz, com letras em negro, claras e distintas, WARNOW!

E ao meu redor fala-se alemão, um franco e suave dialeto mecklemburguês. Mas, qualquer coisa discorda do conjunto. Não são de brasileiros as outras figuras que por ali andam?

A locomotiva apita. E sem qualquer outro aviso, o trem se põe em movimento com um brusco avanço. Mal tive tempo de saltar para dentro do carro. A pequena estação, a tabuleta branca com o nome "Warnow" ficaram para trás e, de repente, transformou-se, ao redor de mim, a maravilhosa natureza do vale do grande rio.

Então compreendi que não sonhava, que eu realmente me encontrava no Brasil, a caminho da colônia alemã de Hammonia (antiga Hansa-Hammonia) e que, havia poucas horas, eu deixara Blumenau, de trem.

Warnow é colônia próxima a Hammonia; compatriotas mecklemburgueses ali se estabeleceram e construíram as suas casas ao estilo de Mecklemburgo, de armação de madeira preenchida com tijolos vermelhos. Até o pequeno chiqueiro, tão comum em Mecklemburgo, se vê unido às paredes das casas.

O trem corre por um amplo e maravilhoso vale. De ambas as margens do rio, elevações cobertas de mata virgem, onde, em pequenas

derrubadas, se divisam casas; fogo e fumo se levantam de muitas delas. Colonos alemães no seu duro, mas abençoado trabalho.

Da direita e da esquerda partem outros vales laterais, todos pertencentes à Sociedade Colonizadora de Hammonia, servidos de caminhos “navegáveis”. Vê-se que ali, por toda parte, já há decênios escorre o suor de gente alemã.

Lá entra no carro o chefe de trem que, naturalmente, fala correntemente o alemão, embora o seu avô já tivesse imigrado, muitos anos antes, para Blumenau, e me diz:

- Veja, senhor capitão, lá naquele morro, há poucos anos atrás, naquela casinha, a minha mãe foi morta pelos botocudos. Quase a cada momento se davam assaltos daqueles selvagens, sujeitos nus e ferozes. Quase cada morro tem a sua história sangrenta. Há vinte anos passados, longas flechas cruzavam os ares e qualquer um de nós, que fosse descuidadamente para seu trabalho, poderia ser por elas alcançado e atirado ao solo.

- E eu estou mesmo a caminho dos Botocudos ... Permita Deus que eu encontre algum. Quero fotografá-los e filmá-los.

O bravo homem fixou-me, por alguns momentos, como abobado.

- O senhor que ir espontaneamente até os botocudos?

É depois de ficar pensativo por alguns instantes, continuou:

- Bem ... o senhor vai viajar no seu pequeno veleiro sobre o Oceano e lá o senhor não precisa ter medo daquela gente nua. Mas olhe bem! É um perigo danado e uma história pouco agradável ... defenda-se das compridas flechas ...

Apertamo-nos as mãos e o trem continuou às sacudidelas, cambaleante e, depois de uma grande curva, transpôs dois braços do rio; apareceram algumas luzes e chegávamos à estação terminal, Hammônia.

Na pequena estação muita gente veio para me receber. Por toda parte vozes se alteavam em vários dialetos da velha e querida pátria. Num momento, eu e o meu “Garibaldi”, este carregado com os nossos aparelhos de cinema e de fotografia, fomos cercados. As nossas bagagens eram-nos arrancadas das mãos e dos ombros. Todos queriam nos ajudar a levá-las. Mãos calosas e honradas apertavam as nossas e abraçavam-nos.

De repente aparece o chefe da “comissão de recepção”, um sujeito ágil e alegre, que me olha sorridente, abraça-me com força e, depois, afastando-se um pouco, fixa-me demoradamente. Tive então a impressão de já havê-lo visto alguma vez, em algum lugar.

- Eu sou o Aichinger, homem! Você não conhece mais o amigo de quem você roubou o cobertor de lã, a bordo do “Andania”?

- Aichinger? Então você é o Aichinger ... quantos anos já lá se foram entre o então e hoje ... E vimos nos encontrar aqui, no meio do Brasil!

De braços dados, seguimos entre fileiras de gente que se acotovelava para nos saudar. Há 18 anos atrás, nós, os dois amigos, também assim abraçados, mas então cheios de desespero, seguimos para bordo do “Andania”, como prisioneiros de guerra, juntamente com milhares de outros miseráveis. O navio se encontrava ancorado atrás da ilha de Wight. Quando cheguei a bordo, eu precisava, justamente de um cobertor de lã e estava tratando de “arranjá-lo”, quando o seu legítimo dono, um bávaro alegre e despachado, aquele mesmo Aichinger, entrou e retomou o que era seu, pondo-me para fora do alojamento.

Desde então, tornamo-nos bons e inseparáveis amigos na prisão, até que ele foi transferido para outro local e eu decidi deixar a Inglaterra mesmo sem licença.

- E se você nos fizer hoje à noite uma bonita conferência - que com certeza será com casa lotada - amanhã eu tratarei de providenciar a sua ida até os botocudos. De outro modo é impossível chegar até lá, ou mesmo voltar de lá sem vida.

Concordei. À noite, agradeceram-me olhares deslumbrados e úmidos de lágrimas e fortes apertos de mão.

Bem cedo, na manhã seguinte, eu e “Garibaldi”, com os nossos aparelhos e mantimentos achavamo-nos acomodados sobre uma carroça de quatro rodas, puxada por cavalos.

Olhares apreensivos nos acompanhavam e de toda parte éramos saudados com a recomendação: Cuidado! Não é brincadeira o que vocês vão fazer. Felicidade e breve retorno!

Sentados num banco sem molas, fomos aos solavancos da carroça por uma estrada onde chuvas continuadas por meses inteiros haviam

transformado num verdadeiro pantanal. Onde o barro era vermelho, tínhamos que descer e empurrar a carroça, ajudando os cavalos a tirá-la do atoleiro.

Por toda parte, laranjeiras carregadas de frutos dourados; tangerineiras, em filas, serviam de cercas aos pastos e sob as quais milhões de frutos, tão preciosos e apreciados, apodreciam no solo. Nem mesmo os porcos dão conta de devorar tanta fruta.

- Isto aqui é Nova Berlin! Esclarece o nosso cocheiro alemão.

Gentis criancinhas louras brincavam diante das casas resplandescentes de limpas, em meio a jardins bem cuidados e, apesar de estarmos no meio do inverno, as folhagens e as flores apresentavam-se viçosas e belas. Pudesse eu mandar um pouco desta “zona hiberna” para a verdadeira Berlin, para a minha casa, para “Smutje”, para os meus pequenos e, assim, aliviar a saudade que sinto deles! ...

Depois surgem Nova Bremem, Nova Breslau. Belas casas de enxaimel se alinham ao longo da estrada. O meu coração sente-se orgulhoso de ver tanta ordem, tanta atividade e tanta limpeza. Que o espírito alemão já não conseguiu realizar nesta terra que traduz a sua gratidão na sua fértil produtividade!

Fomos sacudidos por horas e horas seguidas. Sentados num banco de tábua dura, sem molas, por dez, onze, doze horas seguidas, na Alemanha ainda poderia se suportar, mas, pelas “estradas” daqui é uma prova bem dura, mesmo para nós.

A noite começava a se aproximar. Fazia treze horas que rodávamos ininterruptamente.

- Por Deus - exclamei afinal. Eu só poderia saber quando é que se chega a esses botocudos! ...

- Dentro de pouco nós chegaremos até ao rio. É o limite. Quando atravessarmos a ponte, então senhor capitão, estaremos no território dos indígenas, disse o nosso cocheiro, que também fora marinheiro alemão, creio que da antiga marinha prussiana.

De repente, os cavalos se empinam e a carroça pára num brusco sacolejo. Somos atirados uns contra os outros e, por pouco não somos jogados fora da carroça. Diante de nós, a estrada terminava abruptamente e ao fundo do precipício corria o rio. A ponte tinha caído. A última en-

chente a havia carregado e ninguém pensava em substituí-la. Tivéssemos nós vindo dois anos mais tarde e certamente ainda ela ali faltaria. Por instantes ficamos sem saber o que pensar, nem fazer. Como poderíamos transpor o rio para chegarmos aos botocudos?

- Isso de nada nos serviria, disse eu ao nosso cocheiro que aconselhava regressássemos, pois não via possibilidade de irmos adiante, na escuridão. Temos é que descer até o leito do rio, desatrelar os cavalos e tentar atravessar o rio a nado.

Chegamos à margem do rio que esbravejava espumando. Tiramos os arreios aos animais. "Garibaldi" logo montou um dos cavalos em pêlo e com os aparelhos às costas, tentou fazer o animal entrar na água. Primeiramente negou-se, medroso, querendo recuar. Acheguei-me também montado e com auxílio de um sibilante chicote em breve estavam os dois animais, tremendo, dentro do rio. Caminharam devagar, sem grande esforço, em direção à corrente. Num momento se veem em meio ao rio, param, olham a margem de onde partiram, e atiram-se para o outro lado.

- Isso é o que de mais razoável vocês poderiam fazer - exclamei rindo. Assim vocês perderão o medo.

E os animais, como seres pensantes, movimentam-se para a frente até que chegam à margem oposta. Quando tentam subi-la, entretanto, afundam-se profundamente na lama. Como loucos de medo procuram salvar-se, no entanto, afundam-se cada vez mais e a nossa situação começa a tornar-se crítica. Aproveitei, de repente, um momento feliz para saltar do lombo do animal para uma pequena elevação à margem mais firme e dali puxei o animal pelas rédeas. Pouco depois também vinha "Garibaldi", são e salvo, com os seus aparelhos enxutos e em ordem. Estávamos na terra dos botocudos.

Continuamos a marcha alegres, através da escuridão, esperando chegar, antes da noite à casa do Eduardo, o chefe do posto e guarda dos índios.

Quando a escuridão se tornou mais intensa e não podíamos ver mais nada, tivemos que parar. Com os membros todos doloridos, saltamos dos lombos nus dos cavalos e, pela primeira vez na minha vida, tive uma idéia exata dos tormentos por que deveria ter passado o "cavaleiro espanhol".

E então, eu e Garibaldi, fizemos as vezes de jovens indianos, alegres e contentes. Amarramos as nossas cavalgadas numas árvores próximas e acendemos um fogo com ramos secos para afugentar do acampamento as cobras venenosas, que aqui são uma verdadeira praga; ajuntamos uns troncos grossos e em poucos momentos levantaram-se labaredas fantásticas em meio à escuridão da mata.

Descobrimos sobre as nossas cabeças algumas laranjeiras e tangerineiras, cujos ramos, carregados de frutos dourados, ameaçavam quebrar-se. Em poucos momentos, centenas de laranjas jaziam aos nossos pés. Trouxemos os nossos cobertores, os arreios e sentamo-nos comodamente numa ceia de verdadeiros índios. Depois, cortamos um respeitável porrete de um galho com espinhos de uma árvore próxima; assim, ninguém nos atacaria impunemente.

O fogo já ia se extinguindo lentamente. De repente ouvimos o ruído de ramos quebrados e de passos apressados; saltamos num upa, segurando fortemente os nossos porretes. Perto de nós, os cavalos, inquietos, repuxavam furiosamente os cabrestos a que estavam amarrados. E, como se tivessem surgido da terra, num instante estavam de pé, diante de nós, três figuras escuras, vestidas de trapos, cabelos negros como pixe; olham-nos com curiosidade e depois o chefe, num gesto breve, medroso, entrega-me um bilhete.

Enquanto “Garibaldi” mantinha os sujeitos sob as suas vistas, aproximei-me, ligeiro, do fogo, passei os olhos pelo escrito e mal fiz ao primeiro indígena um gesto de assentimento, as três figuras haviam desaparecido.

- Vem cá, Garibaldi, não faz uma cara tão espantada. Poderemos passar descuidadamente a noite no nosso acampamento. Dom Eduardo mandou-nos um mensageiro. O bilhete diz: Venha amanhã até aqui. O senhor será cordialmente bem recebido. Eu mesmo acompanharei o célebre “terrafoguense” até os botocudos.

No outro dia, Eduardo foi me dizendo:

- Eu os aconselho, senhores, a desistirem do seu intento de chegar até os botocudos. Eles, no momento, estão muito agitados e perigosos.

- O senhor acredita, senhor Eduardo, retruquei, que eu fizesse uma viagem tão longa, até o Brasil, num tamanco de madeira (alusão ao veleiro em que o autor excursionava) para fugir do mais interessante dos sucessos?

- Seja como queiram, mas não me responsabilizo pelo que possa acontecer. Eu os avisei. Por favor: dêem-me por escrito que essa é a vontade de ambos. Não quero complicações.

Rindo e de boa vontade, dei-lhe a declaração e então, Dom Eduardo, mais calmo, foi buscar armas do seu arsenal. Eu e Garibaldi pusemos à cinta um parábélum carregado cada um. Tivemos que nos despojar de tudo quanto levávamos; nem mesmo os lenços ficaram conosco, pois os botocudos se apossariam de tudo quanto vissem.

Em seguida carregamos uma pequena canoa, dessa de um único tronco de madeira, com os nossos aparelhos, os nossos filmes e caixas cheias de presentes que havíamos trazidos: uma porção de metros de fazendas coloridas, facas, tesouras, gaitas de boca, pequenos espelhos, etc., e quando o sol despontou atrás dos morros cobertos de florestas, pusemos-nos em viagem.

Além de Dom Eduardo, Garibaldi e eu, estavam na canoa mais dois bugres mansos e, conforme Eduardo explicara, haviam sido aprisionados numa daquelas batidas contra os bugres levadas a efeito até poucos anos atrás, nas quais os homens eram mortos e as mulheres e crianças aprisionadas para serem amansadas.

Com fortes remadas impulsionávamos a canoa contra a corrente e ao alcançarmos a primeira corredeira, encostamos a canoa à margem e saltamos em terra. Com o coração aos pulos entramos no mato.

À frente ia Dom Eduardo, atento como um cão de caça, pois ele conhecia os "seus" índios, conviveu anos com eles, conhecia de sobra as suas manhas, as suas traições e a sua crueldade. Depois ia eu, atrás Garibaldi e, por fim, os dois bugres mansos que carregavam os aparelhos com evidente má vontade e cansaço.

De momento em momento olhávamos para cima, para os lados, para as gigantes copas da floresta e para o verde impenetrável. Aqui e ali, raios de sol conseguiam furar a cúpula da floresta, nos lugares menos densos.

De repente, parou. No chão amolecido, vejo pegadas frescas de um pé descalço.

- Dom Eduardo! Por aqui andou um bugre.

Dom Eduardo aproxima-se, rindo. Há muito ele vinha notando as pegadas, sem entretanto nos dizer nada. Disse-nos secamente:

- Desde que deixamos a canoa que estamos sendo seguidos de perto pelo indígemas. Não estivesse eu presente, a quem os bugres conhecem e temem, vocês, há muito tempo estariam com uma flecha atravessada no corpo.

- Assim ... sem qualquer motivo? São assim tão ferozes esses tratantes?

- São os mais astuciosos, os mais traiçoeiros e os mais cruéis sujeitos de todo o Brasil. Eu mesmo, que vivo com eles há muitos anos, nunca estou seguro da minha vida. Há vinte anos, ninguém conseguira chegar até os botocudos. Todos os que tentaram fazê-lo e muitos, muitos outros, pagaram com a vida a ousadia. Eu fui o primeiro a tomar contato com eles.

- Quer contar-nos alguma coisa a esse respeito?

- De boa vontade, tão logo voltemos a salvo deste nosso passeio extra. Antes, temos que tomar cuidado. Por favor, deixemos de conversar. Já estamos chegando ao Posto dos Índios. Lá será melhor.

Um leve arrepio correu-me pelas costas. Uma flecha é rápida e silenciosa; antes que se pressinta o adversário, está com ela atravessada no corpo.

- Nós voltaremos sãos e salvos, Dom Eduardo, e veremos tudo quanto desejamos ver, pois hoje, não é só dia 13, mas o dia 13 de julho, o meu dia de sorte. Hoje, há 13 anos atrás, eu voltava para casa, depois de uma fuga feliz.

- Também Dom Eduardo riu-se. Caminhávamos apressados na manhã que surgia.

De repente o mato terminou numa grande clareira onde pastavam alguns bois selvagens, pelos quais passamos dando uma grande volta. Depois a planície terminou abruptamente e estávamos diante do rio. Na outra margem apareciam algumas bananeiras e, em duas filas laranjeiras e tangerineiras e viam-se também homens nus e selvagens.

- Como vocês vêem, há muito tempo eles já sabiam da nossa vinda, disse Dom Eduardo. Agora é tomar cuidado e ficar quietos.

Dom Eduardo, levando à boca as mãos em concha, gritou para o outro lado qualquer coisa numa língua gutural, que não sei reproduzir.

Os indígenas responderam, acenando com as mãos, gritando e gesticulando. Apareceu depois um indivíduo de tamanho regular e que parecia o mais feroz de todos, com um enorme tórax, totalmente nu, com exceção de um cinto de fibra, quase invisível ao redor dos quadris.

Dom Eduardo dirigiu-se a ele e depois que o mesmo lhe respondeu, agarrou-me pelo braço. Dom Eduardo pôs-me diante de si, apontou para mim e falou com o indígena até que este soltou um alegre uivo. Deus queira não significasse a alegria de, em pouco tempo, fazer um churrasco com o meu filé. Então, saltou como doido numa canoa e remou para o nosso lado.

- Eu o apresentei como um grande capitão, ou comandante. Eles querem-no ver e dar-lhe um bom dia. Não os impeça, por Deus, que eles o examinem de baixo acima e deixe que eles lhe tirem o que quiserem, até mesmo o parabelum.

Um momento depois, eu e Garibaldi fomos cercados por cinco, seis homens de caras selvagens e negras cabeleiras aparadas com pedras afiadas, fomos apalpados e examinados; meteram-nos as mãos nos bolsos, admirando-se de nada nele encontrarem; um deles abriu-me a camisa, apalpou-me o peito; outro quis apossar-se do meu parabelum, mas retirou, medroso, a mão quando Eduardo gritou-lhe algumas palavras: ele teria tocado um mau espírito.

E chegaram-se, as mulheres e meninas. Elas traziam agora mantas ao redor da cintura. No mato elas andam tão paradisiacamente trajadas como os homens. Seus rostos não são feios. Os lábios das mulheres até que são bonitos. São verdadeiros tipos de esquimós, escuros como todo o corpo, os homens sem barba, mas em compensação com um boto-que na lábio inferior, donde lhes vem o nome de botocudos.

Dom Eduardo começou logo com as negociações. Mostramos os nossos presentes. As mulheres preferiam as fazendas coloridas e as tesouras; os rapazes as gaitas de boca e os homens as facas e o fumo.

- Essa gente não se deixará filmar e fotografar? Perguntei a Dom Eduardo depois que as longas negociações chegavam ao fim.

- Não, ainda não. Conforme já disse, de uns tempos para cá eles estão muito agitados e amotinados. E veja com que cara eles andam e no entanto, há pouco, pareciam tão cordiais. Antes tivéssemos ido logo embora!

- Prometa-lhes um boi inteiro, repliquei, afinal. Talvez isso seja de alguma ajuda. Sem dúvida a carne é do que eles mais gostam.

Pacientemente, Dom Eduardo voltou às negociações e, por fim, o cacique se afastou. Voltou pouco depois, com a cara pintada como para a guerra, tendo na mão a tremenda arma dos botocudos, o enorme arco, com flechas da altura de um homem, e uma lança.

Esse foi o sinal para os demais. Escolhi mais três ou quatro homens. E com enorme esforço fiz-lhes compreender que eles mesmos teriam que abater o animal que eu lhes presenteava, mas eles não deveriam se importar com o que Garibaldi fizesse. Nesse meio tempo, Garibaldi aprontou e limpou o seu aparelho cinematográfico e a "festa" começou.

- Tenha à mão a sua pistola, disse-me Eduardo, baixinho e sem ser pressentido. Cuidado! Nunca se sabe o que esses malandros intentam quando estão com suas armas. Ainda há poucos anos, numa ocasião como esta, um general e os seus 16 acompanhantes foram feridos a flechas, antes que pudessem lançar mão de suas próprias armas.

Os botocudos, todos com as caras pintadas, avançaram, quase acorados, para o descampado, tendo na mão direita o arco e na outra a primeira flecha a ser disparada, músculos retesados como do tigre que prepara o salto. Garibaldi, firme como um poste, fazia ranger a manivela do seu aparelho. Mal sabiam aquelas criaturas o que com elas estava acontecendo e que elas iriam aparecer, na tela iluminada, perante milhares e milhares de pessoas, perpetuando-se como um documento cultural, até mesmo para bem depois que o último botocudo tivesse desaparecido, e que suas cruentas correrias passassem definitivamente para o domínio das lendas como da história dos índios norte-americanos.

Conta-se apenas por alguns anos o tempo em que ainda haverá botocudos vivos.

Afinal os selvagens defrontam-se com o touro. O não menos selvagem animal percebe os agressores, levanta a cabeça bem armada de chifres, solta um horrível e ameaçador mugido e começa a rodar desesperadamente. No mesmo momento os botocudos aparecem, correm até certa distância e, então, o cacique estaca, por segundos, como uma coluna de cobre, com o gigantesco arco em suas mãos, arco que eu não poderia recurvar nem mesmo alguns decímetros, arca-o como se fora um ramo de vime e dispara a comprida flecha de ponta de ferro derrubando o touro num momento. O animal, entretanto, levanta-se furioso, de um salto; do dorso escorre-lhe um largo fio de sangue. Então, as flechas dos outros bugres voam, ferindo o animal no flanco, no pescoço, no lombo. Como enloquecido pela dor e pela raiva, urrando alto o touro atira-se para frente, em direção a Garibaldi. Este mantém-se como um poste, com o seu aparelho em forma, rodando a manivela. O touro avança.



- Cuidado, Garibaldi, Olha o touro! Fuja!

Garibaldi pouco se importou com os nossos gritos. Ele apanhara toda a cena dos sofrimentos do animal e tinha a sua missão: continuar rodando a manivela.

Afinal chegam os selvagens com as suas lanças e rodeiam o animal. Eles haviam sentido o perigo. O cacique chega mais perto do touro ferido, pelo lado, e desfere-lhe poderoso golpe com sua lança de caça. O touro cai aos pés de Garibaldi. Estava morto.

Levanta-se então um feroz grito de alegria. Todos os indígenas se aproximam armados de afiadas facas e antes que nos déssemos conta, estava o animal retalhado com couro e tudo. Homens, mulheres e crianças levavam pedaços escorrendo sangue até o fogo que as mulheres haviam feito, onde assavam a carne enfiada em espetos de pau.

Para os indígenas nós não existíamos mais. A comunidade tinha carne e, por algum tempo, estava satisfeita.

Dom Eduardo acenou-nos secretamente. À margem do rio estava a nossa canoa e, antes que os selvagens notassem algo, embarcamos nela com as nossas coisas. Ao lusco fusco da noite que ia caindo, víamos os vultos escuros dos selvagens sentados ao redor do fogo onde, em breve, o touro seria devorado.

Quando estivemos fora das vistas e não mais ouvíamos os botocudos, Dom Eduardo suspirou aliviado e, sem dizer palavra, apertou-nos as mãos.

Dom Eduardo Conta

E Dom Eduardo então contou-nos:

Dom Eduardo, o primeiro que conseguiu aproximar-se dos botocudos, foi o primeiro branco a entrar em contato com eles, sem que tivesse sido vítima de alguma flechada e que chegou a tornar essas verdadeiras bestas um tanto mansas.

Por toda a parte, nestas redondezas, até mesmo em Blumenau, em Itajaí e pelo litoral, existem inúmeras cruces solitárias que indicam que, naqueles lugares, um bravo colono alemão ou uma família inteira de colonos alemães foram mortos, perfurados por flechas e saqueados. Isso há pouco mais de 20 anos atrás. Dom Eduardo, por primeiro, compreendeu como ganhar a confiança e fazer-se temer por esses últimos homens que, no sul do Brasil, ainda vivem na idade da pedra. E conseguiu conservá-los em um posto onde eles hoje permanecem livremente, mas devendo ficar dentro dos limites das terras que lhes foram reservadas. Entretanto, nenhum estranho poderá invadir os seus enormes domicílios.

A nossa visita de hoje, da qual ainda me sinto impressionado, foi uma grande exceção. Mas, segundo depois nos disse Dom Eduardo, seria também a última que ele permitiria.

Os serviços que aos colonos e à colonização prestou Dom Eduardo Hoerhann, de descendência austríaca, mas brasileiro de terceira geração, são extraordinários. Inumeráveis colonos alemães que hoje moram, despreocupadamente, em Nova Berlin, ou Nova Bremem ou em qualquer outra povoação destas redondezas, devem o seu sossego e a sua disposição à coragem e ao desprendimento de Dom Eduardo.

- E como foi que o senhor teve a idéia de aproximar-se dos indígenas, Dom Eduardo? Perguntei enquanto descíamos o rio, interrompendo o silêncio que reinava em nossa canoa.

Dom Eduardo acordou da profunda meditação em que mergulhara. Quem sabe por onde andariam os seus pensamentos naquela noite tão surpreendente, em meio ao domínio dos selvagens!...

- Isso foi entusiasmo de moço, foi espírito de aventura e foi muito idealismo, respondeu o interrogado. Há uns quinze anos atrás, caiu-me nas mãos um vocabulário da língua dos botocudos, organizado pelo Dr. Gensch, médico alemão que reside em Blumenau. O Dr. Gensch tomara uma menina botocuda para criar, a qual ainda vive em Blumenau e é muito prendada. Essa menina fora aprisionada numa batida aos bugres. Por intermédio dessa bugrinha, o Dr. Gensch compilou um dicionário com os vocábulos mais usados da língua dos indígenas. Quando, em setembro de 1914, os botocudos atacaram e destruíram completamente o chamado "Posto de Atração" que existiu, mais ou menos, no local em que hoje nós estivemos, quando os selvagens atacaram, matando e roubando os colonos, eu concebi o meu plano. Eu já havia, tempos antes, decorado as palavras do pequeno dicionário e, assim armado, meti-me pelo mato a dentro disposto a conversar com os bugres. Todas as tentativas anteriores de catequese e mesmo de aproximação haviam fracassado, pois os indígenas sulamericanos são, de modo geral, muito ferozes, desconfiados e selvagens. Os piores são, ainda hoje, os botocudos.

- Sim, e o senhor não teve medo, quando entrou no mato?

- Medo, propriamente, eu não tive. Mas, francamente, não me senti muito à vontade. Antes que eu pudesse recuperar-me do espanto,

cerca de cem metros adiante de mim estavam de pé três selvagens nus e que me apontavam as suas horríveis flechas. Um único passo que eu desse à frente, certamente eles atirariam. Mas eu me mantive firme, repetindo-lhes várias vezes algumas das mais importantes palavras. Os bugres admiraram-se de ouvir de um branco palavras na sua língua. Eu levava presentes que coloquei sob a árvore e disse aos índios que eles poderiam apanhá-los. Eles, porém, não confiaram nisso. E, mal eu fazia um movimento, ameaçavam-me. Mas nos dias seguintes, repeti a manobra. Deixava os presentes sob a árvore e me retirava, satisfeito de que, pelo menos alguma coisa eu conseguira.

Mas, afinal, certo dia eu me aproximei mais deles. Mas eles, gesticulando, fizeram-me saber que não confiavam na minha roupa; que eu talvez trouxesse armas debaixo delas. Ameaçado ainda pelas longas flechas eu tirei toda a roupa, ficando completamente nu. Deixei os presentes debaixo da árvore e tive que me retirar despido como estava. Isso repetiu-se várias vezes, até que um dia, em paradisíaca nudez, tal qual os botocudos, encontrei-me com alguns destes e, tal como pude, conversei com eles.

Então eles me levaram, assim em vestes de Adão, para o mato e, rigorosamente vigiado, ali passei os primeiros tempos com eles e vivi como um deles. E então quebrou-se o gelo. Certo dia eu levei um gramofone, um instrumento com o qual em outras partes do Brasil, especialmente no Norte se conseguiram bons resultados com os índios, e que o governo recomendava insistentemente. Mas o gramofone quase que botou tudo a perder, com essa gente incrivelmente feroz - parece até que são animais ainda da idade de pedra.

Mal soaram os primeiros acordes da música, os meus novos amigos passaram a gesticular como doidos e numa correria para as suas armas, derrubavam tudo quanto encontravam no caminho, não escapando, naturalmente, nem o instrumento nem os discos, e eu também me pus em fuga, tão ligeiro quanto me era dado, pois do contrário, naquela mesma noite eu já não estaria mais com vida.

Difícilmente eu reconquistei a confiança e o respeito dos selvagens. Devagar aprendi a sua quase impossível linguagem, com os seus ásperos tons guturais e pude reconstruir o posto de atração, meio arrasado

e, finalmente, por meio de promessas e presentes, “amansar” os bugres e, pela primeira vez, fazê-los pegar na enxada para um trabalho produtivo.

E no mesmo lugar onde eles hoje abateram o touro - que é o meu “Posto Duque de Caxias”, eu vivi sete anos sozinho entre os selvagens. Toda a floresta ao redor ouviu o meu apelo e eu espero ainda viver o dia em que todos os bugres, perfeitamente civilizados, não se constituam mais em perigo para os demais homens.

- E os indígenas ficaram-lhe gratos por isso?

- Gratos? E Dom Eduardo olhou-me admirado dessa pergunta. Gratos? Não, ao contrário. Eles puseram em mim toda a culpa de não poderem hoje mais caçar, saquear e matar, como nos bons tempos - e isso, infelizmente, é a verdade. Não conheciam a malária, não precisavam trabalhar mais do que ir à caça. No fundo eles têm razão. Só que hoje ganham o necessário para seu sustento, sem precisar para isso caçar; eles sabem trabalhar, sabem que estão em território seu, livres de qualquer ataque, garantidos pelo governo e que, se assim não fosse, o último dos botocudos já teria sido eliminado da face da terra.

- E o senhor se sente seguro dos seus protegidos?

- Ao contrário! Absolutamente não! Por tudo isso eu fui obrigado a construir a casa para mim e minha família, um pouco afastada, lá onde os senhores pernoitaram ontem. Eu nunca sei se retornarei com vida quando vou até aos botocudos. Mas até a isso a gente se acostuma. Ao todo, uns 300 botocudos vivem ainda hoje, 50 deles, por assim dizer, amansados na Estação; os outros perambulam pelas matas, todos homens, mulheres e crianças, completamente nus. Eles só conhecem os cordéis de embira, que amarram ao redor da cintura, as suas armas, em cujo uso são peritos, como os senhores puderam hoje constatar, e a anta, o seu principal alimento.

O silêncio desceu sobre a nossa canoa. Todos nos agarramos aos nossos próprios pensamentos, até que a embarcação acostou à margem. Luzes brilhavam diante de nós. Estávamos diante da casa de Dom Eduardo, o portão de entrada para o posto “Duque de Caxias”.

Esperando-nos diante da porta, lá estava um vulto esbelto e crianças que nos olhavam com grandes olhos. Eram a esposa e os filhos

de Eduardo, felizes por verem o seu chefe de volta, com vida, das terras dos botocudos.

Fomos convidados a ficar mais um pouco. Mas o tempo urgia.

Os nossos cavalos já encilhados, ofegantes, estavam amarrados à parede da casa. Dom Eduardo não quis desistir de acompanhar, por mais algum tempo, “um hóspede tão viajado e célebre”. Cavalgamos pela noite reluzente de estrelas, rodeados pela floresta. Aos nossos pés marulhava, profundo, o Rio Plate, que tomou o seu nome de um alemão. Em pouco tempo alcançamos a ponte caída. E, sob o luar prateado, atravessamos o correntoso rio, galgando penosamente o íngreme talude.

Dom Eduardo, porém, ficou ao alto da colina para contemplar o seu “reino silvestre” onde, por puro idealismo, pôde realizar uma obra pacificadora, e daqui despediu-se de nós. Seu semblante enérgico, seu olhar penetrante, gravam-se profundamente em nossa memória: Kantagara, isto é, madeira dura, assim o apelidaram os seus botocudos. Com um abraço nos despedimos cordialmente e, dando de esporas ao seu cavalo, Dom Eduardo desaparece na mata virgem, enquanto que Garibaldi e eu carregados com as nossas bagagens, agora enriquecidos com os filmes e fotografias inéditas, continuamos a nossa viagem, retornando à civilização.

**A Freguesia
de São Pedro
Apóstolo de
Gaspar e as
desavenças
com a Colônia
Blumenau**

Texto:

*ANDRÉ FABIANO
VOIGT**



1. A questão de limites Gaspar/Blumenau

O surgimento da freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar está intimamente relacionado à migração de alemães católicos das colônias da Grande Florianópolis para o Vale do Itajaí antes de 1850.

Com efeito, o primeiro templo católico construído na região de Gaspar foi a capela de Belchior, a qual foi inaugurada na quinta-feira santa de 1850, situada na "margem esquerda do Itajaí, mais ou menos em frente à grande figueira na margem direita do rio, no caminho a Gaspar¹."

A capela de Belchior serviu durante alguns anos para suprir a carência de assistência religiosa da população católica. No entanto, o tamanho e as condições da capela foram se tornando insuficientes para os fiéis.

Dessa forma, em 1857, o colono Friedrich Wilhelm Schramm conseguiu a promessa do Dr. Blumenau de reservar um terreno para a construção do templo católico, da residência do padre e um espaço para o cemitério².

O terreno reservado pelo Dr. Blumenau para a paróquia católica era situado na margem Sul do rio Itajaí-açu, entre os ribeirões Gaspar Grande e Gaspar Pequeno, localização da atual igreja de Gaspar.

Portanto, nota-se que o estabelecimento de uma igreja católica em Gaspar foi resultado da ação conjunta dos colonos alemães católicos da região e do Dr. Blumenau, culminando com a Lei provincial no. 509, de 25 de abril de 1861, que criou a freguesia de *São Pedro Apóstolo do Itajahy no Gaspar*.

*) Aluno do curso de História da UFSC.

¹Cf. EMMENDOERFER, Frei Ernesto. **Primórdios da Paróquia de Gaspar**. In: BLUMENAU EM CADERNOS, Tomo IV, Março de 1961, no. 3, p. 42.

²Id., *ibid.*

De acordo com o artigo 1o. da Lei no. 509 de 1861, os limites da freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar eram:

“ao Norte os da Freguesia de Penha; ao Sul os da de Cambriú; ao Oeste o Ribeirão da Praia-Grande e a propriedade de Luiz Scheffen; e a Leste os Ribeirões de Luis Alves³.”

Contudo, o limite mais problemático era o do Oeste, com a colônia Blumenau.

Em primeiro lugar, o dito “Ribeirão da Praia-Grande” era, até aquele momento, um riacho que nunca tinha sido denominado pelos moradores da região da Praia-Grande (atual bairro Vorstadt, em Blumenau).

Em segundo lugar, a propriedade de terra de Ludwig Scheeffer, usada também como referência de limite entre Gaspar e Blumenau, não era considerada um bom limite, devido às eventuais mudanças que poderiam ocorrer na demarcação do terreno.

Em terceiro lugar, a região da “Praia-Grande” era habitada na sua quase totalidade por colonos alemães e evangélico-luteranos, que estariam mais ligados ao distrito de paz de Blumenau que à freguesia de São Pedro Apóstolo.

Portanto, a partir deste quadro, surgiram sérias discordâncias em relação aos limites entre Gaspar e Blumenau.

No dia 14 de agosto de 1861, o então Presidente da Província, Ignácio da Cunha Galvão, encarregou o padre da fundada paróquia de Gaspar, o Dr. Blumenau e o Barão de Schneeberg (diretor da colônia Itajahy-Brusque) para verificarem as dúvidas sobre os limites do Oeste da freguesia, bem como para escolherem os lugares da futura Matriz e do cemitério de São Pedro Apóstolo de Gaspar⁴.

O padre Alberto Francisco Gattone, o primeiro sacerdote de Gaspar, foi também o primeiro a se manifestar em relação à Lei provincial no. 509. Conforme sua correspondência, dirigida ao Presidente da Província de Santa Catarina, datada de 4 de setembro de 1861, o padre

³ SANTA CATARINA. Lei provincial no. 509 de 25 de abril de 1861. Coleção de Leis provinciais do ano de 1861. Arquivo Público Estadual.

⁴ Correspondências AV/PresP - 1861-62. São Pedro Apóstolo. fl. 89. Arquivo Público Estadual.

Gattone expressou opinião favorável à decisão da Assembléia Legislativa Provincial.

Todavia, procurou refutar a decisão da Assembléia com a seguinte proposta:

“Agora os ribeirões sendo sempre melhores limites do que as propriedades de Colonos, que podem aumentar ou diminuir se e para futuro sempre podem excitar duvidas, eu julgo de fechar os limites d’Oeste pelo modo seguinte: pelo lado do Sul com o Ribeirão dos Bugres e pelo lado do Norte pelo Ribeirão da Praia Grande⁵.”

É evidente que o padre Gattone, dentro desta situação queria, ao mesmo tempo, alargar as fronteiras de sua freguesia e não depender do consenso com o Dr. Blumenau e com o Barão de Schneeberg quanto à demarcação dos locais para a Matriz e para o cemitério da paróquia de São Pedro Apóstolo. O padre Gattone retomou o assunto com maior veemência em outra correspondência ao Presidente da Província, em 14 de novembro de 1861.

No dia 15 de Novembro do mesmo ano, foi enviado ao Presidente da Província um abaixo-assinado dos moradores situados entre a povoação de Blumenau e o antigo arraial do Belchior,⁶ que afirmaram terem sido desmembrados da própria colônia de origem e incorporados à freguesia de São Pedro Apóstolo a partir da Lei no. 509.

Os abaixo-assinados alegaram ainda que a região desmembrada pela Lei era habitada por:

“[...] vinte e cinco cabeças de casal com suas famílias. Treze d’estas cabeças se derivão da referida Colonia, vinte e tres são de nacionalidade allemã e pertencem ao mesmo tempo á religião evangelica, entretanto que somente dous d’ellas são de origem brasileiro-lusitana, sendo ainda huma d’estas cazada com mulher allemã.”⁷

Como os colonos ali residentes estavam mais identificados com a colônia Blumenau do que com a freguesia de Gaspar, reclamaram seus

⁵ Id., fl.72.

⁶ Documentos sobre a Colônia Blumenau, P02.14-146. Arquivo “José Ferreira da Silva” - Blumenau.

⁷ Id., ibid.

direitos junto à Presidência da Província. Infelizmente, as assinaturas deste documento não podem ser conferidas porque o documento hoje disponível é apenas uma cópia traduzida do original em alemão.

No dia seguinte, 16 de novembro de 1861, o Dr. Blumenau mandou uma correspondência ao Presidente da Província⁸, expondo todos os problemas da decisão dos limites do Oeste da freguesia de Gaspar, escrita na Lei no. 509 de 1861, bem como as incoerências da proposta do Padre Gattone. Para o Dr. Blumenau, ambas decisões incorriam no erro de mutilar a colônia Blumenau, desmembrando colonos dela originados e incorporando-os indiscriminadamente à nova freguesia de São Pedro Apóstolo.

Desse modo, o Dr. Blumenau fez a seguinte proposta de limites ao Presidente da Província:

“[...] Na banda do Norte do rio Itajahy a linha divisoria entre a antiga data de Jorge Wagner, hoje Pedro Wagner e a dita data de Sylvestre Moreira, hoje irmãos Deschamps e Altenburg, prolongada até as próximas nossas e, seguindo no espinhaço deles até encontrar o ribeirão do Arraial [...]

Na banda do Sul do rio Itajahy proponho o limite oriental do antigo e extinto arraial do Belchior, prolongando em linha recta para o interior:[...]”⁹

No dia 17 de novembro, logo um dia depois da carta do Dr. Blumenau, o padre Gattone remete ao Presidente da Província uma relação de pessoas que, conforme o sacerdote, desejariam pertencer à nova freguesia de Gaspar.¹⁰ Entre eles, o padre colocou o nome dos luteranos Peter Wagner - casado com mulher católica - e seu pai Georg Wagner. Contudo, nesta relação não consta nenhuma assinatura de próprio punho de nenhum colono. Portanto, o sacerdote poderia lavrar esta lista sem a consulta de ninguém, o que atesta uma possível atitude extremada do padre Gattone em fazer valer a sua vontade.

⁸ Documentos sobre a Colônia Blumenau, P02.14 -148. Arquivo “José Ferreira da Silva”-Blumenau.

⁹ Id.,ibid.

¹⁰ Correspondências AV/PresP -1861-62, São Pedro Apóstolo, fl. 70. Arquivo Público Estadual.

Apesar da polêmica gerada pela questão dos limites entre Gaspar e Blumenau, a decisão do então Presidente da Província Vicente Pires da Motta, datada de 25 de novembro de 1861 e dirigida ao padre Gattone, foi a seguinte:

“Em resposta ao seu officio de 14 do corrente mez, tenho a dizer-lhe, que, em quanto pelo poder competente não forem alterados os limites d’ella Freguezia, permanecerão elles taes quaes forão estabelecidos.”¹¹

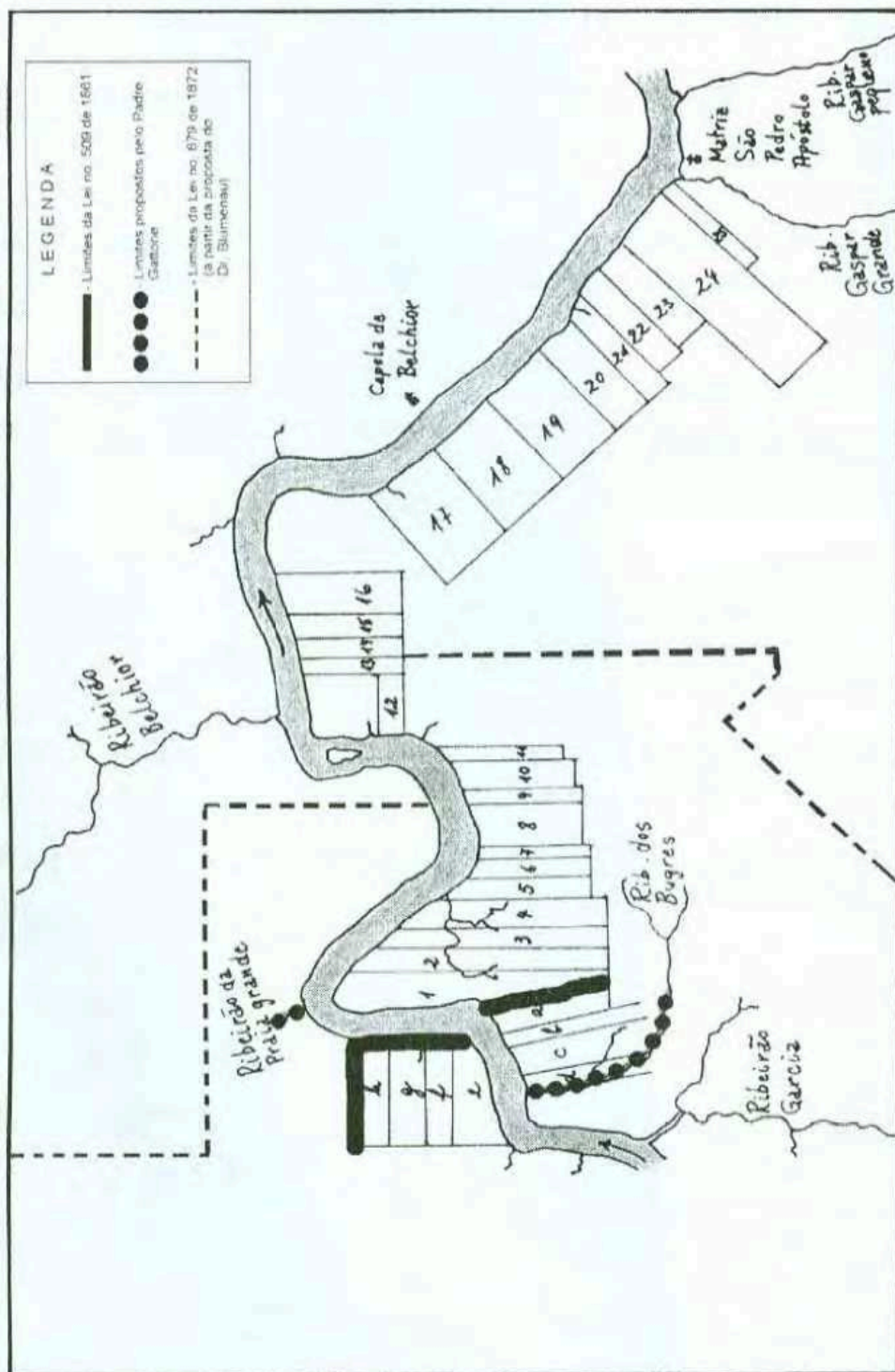
Os limites atuais entre as cidades de Blumenau e Gaspar foram efetivados somente a partir da lei no. 679 de 23 de maio de 1872,¹² que fixou quatro linhas divisórias entre os municípios de Blumenau e Gaspar. Portanto, muito tempo depois das desavenças entre as duas cidades.

Enfim, pode-se constatar que as decisões dos órgãos do Governo, quando são feitas sem um conhecimento prévio do processo de povoamento de uma determinada região, caem em erros de difícil reparação a curto prazo.

Lotes de Gaspar	Lotes de Blumenau
1. Peter Wagner	a. Ludwig Scheeffler
2. Peter Lucas	b.-d. ?
3. Heinrich Hohl	e. Daniel Schneider?
4. Heinrich Voigt	f. Christian Boehme?
5. Georg Wagner Junior	g. Carl Hering?
6. Marcos Schober	h. Wilhelm Schönau?
7. Joaquim d’Oliveira	
8. Ludwig Sachtleben	
9. Schneider?	
10.-11. ?	
12. August Herbst	
13. Peter Deschamps?	
14. Nicolaus Deschamps I	
15.-25. ?	

¹¹ Registros PresP/AV - 1860-75, fl. 13v. Arquivo Público Estadual.

¹² SANTA CATARINA. Coleção de leis provinciais do ano de 1872. Arquivo Público Estadual.



Fontes utilizadas para a elaboração do mapa

BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. **Relatório da Colônia Blumenau- ano de 1856.**[Versão Original em Alemão], Hamburg, 1857. Arquivo "José Ferreira da Silva" - Blumenau.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cartas Cartográficas de Santa Catarina - municípios de Blumenau e Gaspar.** 2a. edição, [198?]

MAPPA da medição do rio Itajahy Assú, entre a povoação Blumenau e Pedro Zimmermann, executado pela Comissão do Engenheiro Dr. João Maria d'Almeida Portugal, no mez de Agosto de 1876. Município 24, no.9. Arquivo do DIAF- Secretaria da Agricultura.

MAPPA de huma parte da colonia Blumenau, evidenciando os limites actuaes entre a Freguezia de São Pedro Apostolo e o Districto de Paz Blumenau, como tambem os limites propostos para a futura melhor divisão, s/d, Município 24, no.87b. Arquivo do DIAF- Secretaria de Agricultura.

MUNICÍPIO de Gaspar [Mapa]. s/d, Município 59, no. 6. Arquivo do DIAF- Secretaria de Agricultura.

REGISTRO do Vigário -Itajahy/Porto Bello, 1856/7, Livro no. 24, 370 fls. Arquivo Público Estadual.

**Bodas de
Diamante de
Peter Schelle***

Walter Idecker
(Ibirama)



Apresentamos neste fascículo o artigo intitulado “Bodas de Diamante de Peter Schelle, publicado no Almanaque Wille, de 1965, p. 113.

A primeira versão deste Almanaque apareceu em 1934, sob a denominação de “Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens” (Almanaque Alemão para os Estados do Sul do Brasil). A sua denominação foi aportuguesada no início dos anos quarenta para Almanaque Wille Kalender e posteriormente Almanaque Wille. Com algumas interrupções este anuário foi editado até 1965.

O proprietário Otto Wille, manteve a publicação deste anuário por um período de três décadas.

As informações contidas nestes calendários foram importantes na vida do colono. Através da sua leitura buscavam orientação para o plantio, colheita e outros dados que os mesmos publicavam.

Além destas referencias os mesmos continham contos, memórias fábulas, anúncios comerciais proporcionando aos leitores orientação e lazer cultural. Para os pesquisadores da literatura teuto-brasileira, estes calendários são um retrato da história cultural de Blumenau e regiões de influência da imigração alemã.

*) Tradução de Annemarie Fouquet Schünke.

“Noch einmal zieht im Demantschein, vorbei die gold’ne Jugendzeit...” Ja, 60 Jahre Ehejubiläum berechtigen schon einmal zu einem kurzen Rückblick. Peter Schelle, einer der ersten Einwohner von Ibirama, ein Kulturpionier, wie man ihn nicht besser wünschen kann, konnte am 20. Juni des Jahres 1964 seine diamantene Hochzeit feiern. Dieses Ereignis ist uns Anlaß genug, nicht nur unseren Herrn und Schöpfer dankbar zu sein, der das Leben dieser beiden Menschen bis hierher so treu behütet hat, sondern wir müssen auch dem Menschen Peter Schelle unsere Dankbarkeit und Anerkennung aussprechen, für sein tapferes Aushalten als Einwanderer hier auf neuer Scholle, im fernen Land Brasilien, daß für ihn und für seine Familie zur zweiten Heimat wurde. Am 20. Juni 1904 begann der gemeinsame Lebensweg der Familie Schelle in Landsberg in Deutschland, wo ihnen auch der Stammhalter Peter am 15. März 1905 geboren wurde. Die damaligen Verhältnisse im Baugewerbe, welches Peter Schelle gründlich erlernt hatte, konnte den jungen Menschen jedoch keine innere Befriedigung geben, und immer wieder stellten sich ihnen Schwierigkeiten in den Weg, sodaß die junge Familie sich im Dezember 1905 zur Auswanderung nach dem Sonnenlande Brasilien entschloß. Das zweite Weihnachtsfest ihres Ehelebens fand auch die Familie Schelle als Bewohner des Einwandererschuppens hier in der neuen Kolonie Hansa-Hammonia. Nun begann das neue Leben in neuer, unbekannter Umgebung und Lebensweise, die, oftmals die Kraft und Ausdauer der Einwanderer schier zu übersteigen drohte. Doch auch hier bewahrheitete sich das alte Sprichwort: “Allen Gewalten zum Trotz sich erhalten”. Aus diesem Erhaltungstrieb sind nun 60 gemeinsame Lebensjahre geworden, die auch zum Wohle von Ibirama werden sollten. Ibirama und Peter Schelle, sind zwei Begriffe, die nicht mehr von einander getrennt werden können.

Peter Schelle wurde am 11. März 1878 in Mering in Oberbayern geboren, seine Ehefrau Maria Schelle hatte ihre Wiege in Kaufing in Oberbayern, wo sie am 14. April 1884 das Licht der Welt erblickte. Am 20. Juni 1904 schlossen sie den Bund fürs Leben in Landsberg in Bayern. Der Erstgeborene der Familie, Peter Schelle Junior, wurde in Landsberg geboren. Hier in Brasilien wurden dem Ehepaar Schelle noch weitere 5 Kinder geschenkt, von denen ein Sohn, Joseph, im frühen Kindesalter verstarb. Die Kinder sind: Maria, verheiratet mit Helmuth Hohl, Ibirama; Bertha, verheiratet mit Eduard Schifter, Ibirama; Paula, verheiratet mit Erich Klomfaß,

“As lembranças dos anos dourados da juventude se refletem no brilho do diamante”...Um jubileu de 60 anos de casamento nos permite recordar o passado. Peter Schelle, um dos primeiros moradores de Ibirama, um pioneiro da cultura, um homem íntegro, festejou suas Bodas de Diamante em 20 de junho de 1964. Este acontecimento é motivo não somente para agradecer a Deus, que protegeu o casal fielmente, mas também para expressarmos nossa gratidão e reconhecimento à pessoa de Peter Schelle, que como imigrante permaneceu com determinação neste chão, no longínquo Brasil que para ele e sua família se tornou sua segunda pátria. A vida em comum da família Schelle teve início em 20 de junho de 1904 em Landsberg - Bavária, Alemanha, e em 15 de março de 1905 lhes nasceu o primogênito também chamado Peter. Peter Schelle tinha profundos conhecimentos em construção civil e como a família passava por sérias dificuldades, o jovem não se sentia realizado, pois inúmeros eram os obstáculos a vencer. Em dezembro de 1905 decidiu emigrar para o Brasil.

A família Schelle passou o segundo Natal de seu matrimônio no galpão dos imigrantes em Hansa-Hammonia. Assim começou uma vida nova, um outro modo de viver num lugar desconhecido, que exigiu muita força de vontade e determinação. Cabe aqui o velho ditado: “Enfrentando com obstinação a adversidade, mas conseguindo se preservar.” E esta vontade de vencer os une há 60 anos, o que também foi um benefício para Ibirama. Peter Schelle e Ibirama são dois conceitos distintos, porém não há como separá-los.

Peter Schelle nasceu em 11 de março de 1878, em Mering - Bavária, e sua esposa Maria Schelle em 14 de abril de 1884, em Kaufing - Bavária. Casaram em 20 de junho de 1904 em Landsberg - Bavária. Aqui no Brasil tiveram mais 5 filhos, entre os quais, Joseph, que faleceu em tenra idade. Maria é casada com Helmuth Hohl, em Ibirama; Bertha com Eduard Schifter, também em Ibirama; Paula com Erich Klomfaß, Blumenau; Gertrud com Alwin Duwe, em Ibirama; e Peter Júnior é solteiro e mora em São Paulo. Nesta data festiva estavam presentes 12 netos, 9 bisnetos e os amigos da família que contribuíram para que este se tornasse um dia especial.

Pelos conhecimentos em construção, Peter Schelle era solicitado

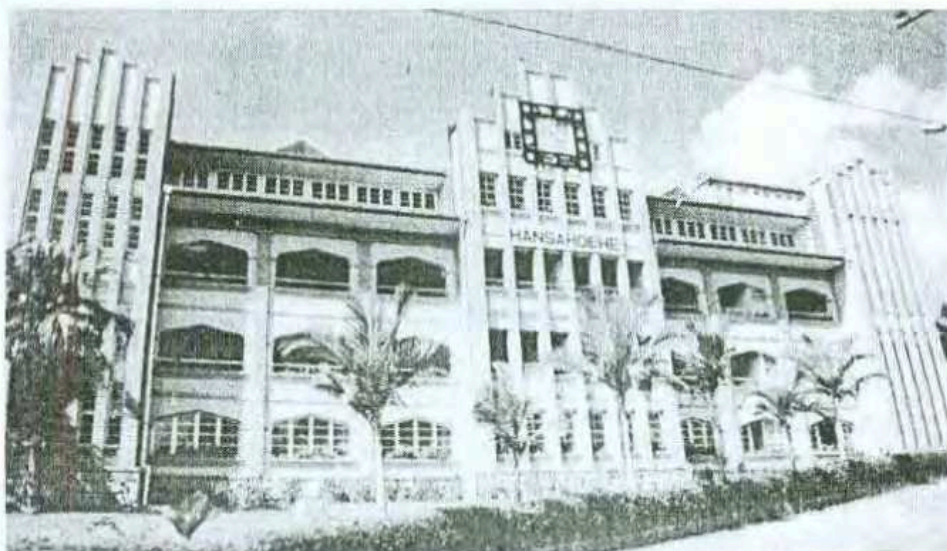
Gertrud, verheiratet mit Alwin Duwe, Ibirama; und Peter Junior lebt als alter Junggeselle in São Paulo.¹² Enkel und 9 Urenkel begrüßten die Großeltern zu ihrem Ehrentag der diamantenen Hochzeit. Daß nun dieser seltene Festtag nicht sang- und klanglos verlief, dafür sorgten schon die unzähligen Freunde der Familie Schelle.

Durch sein umfassendes Wissen im Baugewerbe wurde Peter Schelle zu allen großen Bauten nicht nur in Ibirama, sondern auch im ganzen Staate Santa Catarina herangezogen und heute finden wir allerorten Kirchen, Schulen, Hospitäler, Fabriken und Wohnhäuser, die von Peter Schelle gebaut wurden. Sein Lebenswerk jedoch ist das Hospital Hansa-Höhe, heute das staatliche Hospital Miguel Couto in Ibirama. Stolz steht der herrliche Bau auf dem Hospitalberg und überragt das ganze Stadtbild von Ibirama. Der Hospitalverein sollte die Lasten auf viele Schultern verteilen, was ja teilweise auch gelang, doch die Hauptsorgen blieben doch dem Baumeister Peter Schelle vorbehalten. Zu einem Hospital gehört ja nun einmal auch ein Arzt; wie wechselvoll diese Angelegenheit war, ist wohl immer die größte Sorge der Leitung des Hospitalvereines gewesen. Es war ein ständiges Kommen und Gehen, denn die ersten schweren Aufbaujahre brachten auch für den Arzt Sorgen und Schwierigkeiten, und waren oft die Gründe für einen schnellen Arztwechsel. Bis dann eines Tages, es war der 30. September des Jahres 1933, wieder einmal ein neuer Arzt in Hammonia (Ibirama) eintraf, der das schwankende Hospitalschifflein mit starker Hand seiner Bestimmung zuführte. Doktor Friedrich Kröner. Herr Dr. Kröner, der heute in Rio de Janeiro ein gut eingeführtes Hospital - A Casa de Saúde Santa Catarina - besitzt, sandte uns seine Erinnerungen aus der damaligen Zeit seiner Zusammenarbeit mit Peter Schelle, die wir gern dieser Lebensbeschreibung einfügen, und, seinem Wunsche gemäß, wörtlich wiedergeben.

Peter Schelle

Die Welt stand auf Sturm, als wir am 30. September 1933 in Hammonia ankamen, auf Sturm stand auch das Wetter in Hammonia, denn der Itajahy führte ein Hochwasser, das den Gebrauch von Wasserstiefeln vor dem Hotel Becker ratsam gemacht hätte. Auf Sturm stand aber auch das Barometer im Hospitalverein, und das sollte nicht sobald auf heiter und sonnig umschlagen; nur wußten wir das noch nicht, sonst hätten wir wahrscheinlich unsere Koffer in Hammonia garnicht abgeladen.

para construir, não só em Ibirama, mas em Blumenau e em todo estado de Santa Catarina. Ainda hoje encontramos igrejas, escolas, hospitais, fábricas e moradias por ele construídas. No entanto a mais importante obra de sua vida foi o Hospital Hansa-Höhe, hoje Hospital Estadual Miguel Couto. Soberbamente a bela construção domina a paisagem da cidade. Coube à Sociedade Hospitalar a tarefa de dividir a responsabilidade da construção entre mais pessoas, o que em parte foi conseguido. No entanto a maior parte coube a Peter Schelle. O maior problema para a direção da Sociedade Hospitalar sempre foi a constante troca de médicos. Num hospital é necessário um profissional, mesmo funcionando num lugar simples. Foi um constante ir e vir, porque no início tudo era difícil, também para os médicos que tiveram muitas preocupações e dificuldades a enfrentar, e isto muitas vezes foi o motivo destas substituições. Em 30 de setembro de 1933 veio um novo médico, Dr. Kröner, e este com determinação e pulso firme, conseguiu dar rumo ao frágil empreendimento e construir um moderno hospital, o Hansa-Höhe. Hoje, Dr. Kröner é proprietário do bem administrado hospital "Casa de Saúde Santa Catarina" no Rio de Janeiro e nos enviou suas recordações dos tempos em que trabalhou com Peter Schelle. De acordo com sua vontade vamos apresentá-las na íntegra:



Hospital Hansa-Höhe, atual Fundação Cultural de Ibirama

Da die Männer damals im Hospitalverein abgewirtschaftet hatten, bemühten sich gerade die Frauen der "Associação de Caridade e Hospital Hammonia," wie der offizielle Titel dieser Istitution heißt, so etwas wie Existenzberechtigung zu erhalten, die sie eigentlich nicht mehr besaß, denn die Hospitalschulden waren über seinen Realwert weit hinausgewachsen. So hätte man also die Konkursmasse gleich liquidieren können, denn wen immer ich auch fragte nach den Ursachen der Misere, und nach einem Rat, wie man das Hospitalschiff wieder flott machen könne, die Antwort war immer die gleiche: der Sprecher war ganz unschuldig an der Situation, und er hätte ja auch andere Vorschläge gemacht, die nicht durchgeführt worden waren, so habe er sich nun zurückgezogen möchten nun die anderen zusehen....

Nachdem ich nun meine guten Hammonienser alle in Bezug auf die Hospitalkrankheiten konsultiert hatte, ich sage alle, vom Hammonienser Pfahlbürger bis zum Gringo, der wie ich kaum den Staub Europas von seinen Füßen geschüttelt hatte, und keiner eine Diagnose gestellt hatte, auf die man eine Behandlung hätte aufbauen können, mußte ich leider die Hospitalbehandlung selbst in die Hand nehmen, obwohl ich ja eigentlich Menschen behandeln wollte. Aber diese nahmen meine ersten Versuche von vornherein krumm, denn der erste Patient starb, der zweite wurde nicht gesund und der dritte empfahl seine Seele auch dem Herrn.

In diesen Augenblick tiefster Depression, ich war schon 14 Tage dort, kam ein Mann, von dem mir schien, ich könne ihm wohl mein Leid klagen. Sein sorgenvolles Gesicht machte mir den Eindruck, daß er nicht auf Rosen gebettet sei, denn wie mir nun schon von allen Seiten erzählt worden war, war er der schuldbeladene Sünder, dem das ganze Mißgeschick dieses Pfahlbaues, daß sich stolz Hospital Hammonia nannte, in die Sandalen geschoben wurde, denn zu Schuhen hatte es nicht gereicht. Ich hatte kaum das Gefühl, daß er mir helfen könnte, besonders widerstandsfähig schien er mir auch nicht, er war eben auch damals schon: der "Alte Schelle."

Ich beklagte mich bei ihm, daß Kologen und Leute mit hochklingenden Titeln, sogar ein Direktor war darunter, mich nach Hammonia gelotst hätten, damit ich mich hier ärztlich, nach ihrer Ansicht sogar chirurgisch betätige, ohne die geringsten, aber auch nicht die Andeutung von materiellen Vorbedingungen im Hospital dafür vorzufinden. Dabei glaubte das Kuratorium offenbar allen Ernstes, aus dieser Konkursmasse noch Dividenden, um mindesten eine lobenswerte Erwähnung für verdienstvolle

Peter Schelle

Quando chegamos a Hammonia, em 30 de março de 1933, o mundo andava conturbado, e o tempo em Hammonia tempestuoso, pois havia enchente e era aconselhável o uso de botas para sair do Hotel Becker. Mas a Sociedade Hospitalar também passava por dificuldades e sem previsão de mudanças. Se tivéssemos sabido que esta situação iria se prolongar, teríamos retornado imediatamente. Os senhores da Sociedade Hospitalar não conseguiram administrar as contas. No entanto, as senhoras da Associação de Caridade e Hospital Hammonia, como era denominada oficialmente esta instituição, tentavam manter o que na realidade já não lhes pertencia, pois as dívidas haviam ultrapassado o valor real da mesma. Deste modo dever-se-ia liquidar a massa falimentar, pois sempre quando perguntava a alguém o que ocasionou tal situação e pedia conselho de como dar um novo rumo ao hospital, recebia a mesma resposta: o interlocutor não tinha culpa da situação e haviam sido feitas propostas que não foram aceitas, deste modo afastou-se, deixando para os outros resolverem...

Após ter-me informado com os moradores de Hammonia, e me refiro a todos, desde o mais ilustre ao “gringo”, e este como eu, havia recém chegado da Europa, ninguém foi capaz de dizer o porquê da situação e como poderíamos reerguer o hospital. Eu mesmo tive que fazê-lo, embora tenha vindo para curar pessoas. Mas desde o início, meu trabalho não foi visto com bons olhos, pois o primeiro paciente morreu, o segundo não melhorou e o terceiro também faleceu.

Eu estava lá há 14 dias e neste momento de profunda depressão veio um homem, para quem tive a impressão de que poderia falar das minhas aflições. Por sua expressão preocupada, deduzi que sua vida não era um mar de rosas, pois todos já haviam me dito que ele era o único “culpado” da situação em que se encontrava a construção que orgulhosamente se denominava Hospital Hammonia. Não imaginei que pudesse me ajudar, ainda mais que sua aparência era frágil, pois já naquela época era chamado de “velho Schelle”.

Queixei-me que havia sido persuadido por colegas e pessoas que ostentavam títulos, inclusive um diretor, para que viesse clinicar aqui e

Betätigung herauschlagen zu können. Herr Schelle und ich setzten uns auf eine Holzbank an der Gartenpforte des alten Hauses, an der die Kolonisten mangels eines Besseren ihre Pferde anbanden, während sie dem Doktor erzählten welche Krankheiten der Wasserdoktor, der Apotheker und Frau Strese bei ihrer Frau gefunden hätten und er nun um eine neue Medizin käme, weil die anderen "sich nicht ausgezahlt" hätten. Also in dieser Mischung von siedlerhaften Aberglauben, bäuerlichem Mißtrauen gegen des Doktors Bügelfalten, Hufgeschare und Tangerinenduft erzählte ich dem alten Schelle meine Sorgen. Ich klagte ihm auch, daß ich es kaum verantworten könne, den Leuten unter solch primitiven Verhältnissen zuzumuten, sich operieren zu lassen, und daß es doch besser wäre, den Gedanken an eine Änderung der Verhältnisse aufzugeben und anderswo aufzubauen, wo berechtigtere Chancen auf Erfolg beständen, zumal in Hammonia vielleicht gerade die führenden Leute am wenigsten Verständnis für die Notwendigkeit einer Besserung hätten, weil es für sie billiger und weniger strapaziös wäre, nach Blumenau zu fahren, als sich hier den jahrelangen Anstrengungen einer Neuordnung unterziehen. Darauf der "alte Schelle":

"Herr Doktor, ich fing hier einst auch im Urwald an, auch ich habe mich damals ernstlich gefragt, ob ich das meiner Frau gegenüber verantworten könnte, denn wenn ich morgens früh vor Tau und Tag Wald schlagen ging, nagelte ich sie in dem Holzhaus zu, damit sie vor Überraschungsangriffen der Indianer gesichert sei. Nacht für Nacht lauschte ich, die Frau an der Seite, das Gewehr im Arm, den Stimmen der Vögel, deren sich die Indianer vor ihren Überfällen zur Verständigung bedienten. Zweimal fand ich meine Frau zu Tode erschreckt wieder ob eines solchen Angriffes. Zu jener Zeit stellte sich bei ihr eine Schilddrüsenstörung ein, der wegen ihrer Schwere bis jetzt noch von jedem Arzt die chirurgische Behandlung verweigert wurde."

Von Erinnerungen überwältigt, benutzte Schelle eine Gesprächspause, um seinen "fumo" zu schneiden und sich eine Maisblatt-Zigarette zu drehen und fuhr dann fort: "Dann kamen andere Schwierigkeiten, Krankheiten, Geburten im Urwald ohne ärztliche Hilfe, und wenn es ernst wurde, brachten wir die Kranken nach Hammonia auf den Dachboden des Hotels Berg. Als Arzt diente ein Gesundheitsbeter, wir waren froh, daß wir ihn hatten, denn er gab Trost. Unten im Hotel wurde gezecht und gejohlt, oben wurde gestorben, unten wurde getanzt, oben gab das Gewimmer eines Neugeborenen die Musik dazu. Diese Zeiten liegen noch nicht 15 Jahre

na opinião deles até fazer cirurgias, mas não havia encontrado sequer condições materiais para isto. Apesar desta situação o curatório achava que seria possível obter dividendos desta massa falimentar e serem merecedores de elogios pelo empenho neste empreendimento. Sr. Schelle e eu sentamos num banco perto do portão do jardim da velha casa. Este também era usado pelos colonos para amarrarem seus cavalos, por falta de coisa melhor. Então contavam qual doença o curandeiro, o farmacêutico e a sra. Strese encontraram em sua mulher e que agora gostariam de um novo remédio, pois os outros não adiantaram nada. Em meio de credices populares, desconfiança dos colonos em relação ao doutor, arrastar de patas de cavalo e cheiro de tangerinas, expus ao “velho Schelle” minhas preocupações e lamentei que não pudesse me responsabilizar em atender pacientes e operá-los nestas condições. Melhor seria construir num lugar, onde tivessem mais chance, do que manter a idéia em mudar as atuais condições, ainda mais que as classes dirigentes de Hammonia não compreendiam a necessidade de melhoria, pois para elas seria menos honroso e estafante ir a Blumenau do que empenhar-se num novo empreendimento. Assim retrucou o “velho Schelle”:

“Doutor, eu também comecei aqui nesta terra, e muitas vezes me perguntei se poderia responsabilizar isto perante minha mulher, porque quando saía antes do amanhecer para derrubar a mata, eu a deixava trancada em casa para que estivesse protegida dos ataques inesperados dos índios. Com a mulher ao lado e a espingarda no braço eu ficava na escuta noite após noite, prestando atenção ao canto dos pássaros, pois destes sons os índios se serviam para se comunicarem antes dos ataques. Por duas vezes encontrei minha mulher apavorada pela tentativa dum ataque e foi nesta época que nela se manifestou o distúrbio na tiróide, e por causa de sua obesidade, até agora todos os médicos se recusaram a fazer uma intervenção cirúrgica”.

Emocionado pelas recordações e aproveitando uma pausa na conversa, Schelle começou a cortar fumo e enrolá-lo na palha de milho e então prosseguiu: “Então enfrentamos outras dificuldades como doenças, partos sem auxílio médico, e quando havia complicações eram levados para Hammonia, no Hotel Berg, onde ficavam no sótão. Em lugar dum médico havia um curandeiro e nos sentíamos gratos por tê-lo, pois dava

zurück. Wollen Sie, Herr Doktor, die Kolonie in diese Verhältnisse zurückstoßen, indem Sie gehen? Die Leute, die zu arm und zu krank sind, können nicht nach Blumenau fahren, sie müssen hier sterben, wenn sie keinen Arzt haben. Sie scheuen die Verantwortung, unter primitiven Verhältnissen zu operieren? Wer spricht sie aber von der Verantwortung los, wenn die Leute sterben ohne ärztliche Hilfe?

So der alte Schelle. Er stand am Rande der Sechzig, ich war erst 36, ich hatte zum Anfangen immerhin ein Hospital mit 4 Mauern, wenn ich auch bei Regen den Schirm aufspannen mußte, damit es nicht auf den Bauch tropfte. So blieb ich und begann mich der Krankheiten des Hospitals anzunehmen. Meine Frau und ich fingen an, ein neues Hospital zu planen für 100 Betten, ein Hospital, das allen Gesichtspunkten moderner ärztlicher Forderung gerecht wurde, allerdings in den Vorstellungen eines Urwaldgebundenen Siedlers jede Analogie mit seinen bisherigen Erfahrungen vermischen ließ, ein Projekt, das selbst bei nicht wenigen Hammonienser Bürgern als Utopie und sogar als Mausoleum des Hospitalvereins bezeichnet wurde. Als dann finanzielle Schwierigkeiten auftraten, zögerten manche Herren nicht, ihre Hände in Unschuld zu waschen, das war billig, nachdem das Geld sowieso alle war.

Da aber kamen andere Leute, die den Mut hatten, weiterhin treu zu der Idee des Hospitals zu stehen. Es war der alte Schelle mit seinen Kameraden aus den Notzeiten der Gründerjahre der Siedlung. Sein sorgen und sturmdurchfurchtes Gesicht hielt allen Angriffen stand und mit eiserner Ruhe erklärte er jedem, der es hören, oder nicht hören wollte: Gemeinsam bauten wir die Schule und das Pfarrhaus, errichteten die Kirche, spannten eine Brücke über den Itajahy und alle zusammen werden wir auch das Hospital fertig bauen.

So warb er nah und fern, bei Hoch und Niedrig, mehr bei Niedrig. So flößte er Vertrauen ein durch eigene Mitarbeit. Er selbst trat an die Spitze des Hospitalvereins, den alle bankrott wähten, unter seiner Führung verpflichtete sich der Vorstand unabhängig von den Mitgliedern die moralischen und finanziellen Grundlagen zur Fertigstellung des Hauses zu schaffen. Und so wurde es fertig. Nur 18 Monate nach Beginn des Baues wurde es bezogen, ein Haus, das sich auch heute noch jeder modernen Klinik an die Seite stellen kann.

Wir alle wissen, wie schwer und wechselvoll sein Schicksal im Kriege und hinterher war, wie es zum Spielball lokaler Intrigen und staatli-

consolo. No saguão do hotel as pessoas bebiam, dançavam e se divertiam, enquanto no sótão haviam mortes e nascimentos. E isto só fazem 15 anos, e o senhor, Doutor, pretende ir embora e deixar a colônia nesta situação? Os pobres e aqueles que estão muito doentes não podem ir a Blumenau e assim morrem por não terem atendimento médico. E o Sr. não quer se responsabilizar em operar nestas condições precárias? Mas quem vai isentá-lo da responsabilidade se morrerem sem atendimento médico?

Este era o “velho Schelle”. Ele estava com aproximadamente 60 anos, enquanto eu estava com 36, e para iniciar pelo menos tinha um hospital, se bem que quando chovia era obrigado a abrir o guarda-chuva para não me molhar. Então fiquei e comecei a resolver os problemas do hospital. Minha mulher e eu começamos a planejar um hospital para 100 leitos que sob todo ponto de vista atendesse as exigências médicas, um projeto que para muitos moradores de Hammonia parecia utopia e que os colonos do interior nem sequer conseguiam imaginar. A construção foi iniciada. Quando surgiram as dificuldades financeiras, muitos “lavaram suas mãos”, pois isto era simples, já que o dinheiro havia terminado.

Mas havia pessoas de coragem que se mantiveram fiéis. Era o “velho Schelle” com seus companheiros dos tempos de dificuldades. Com seu semblante preocupado, ele enfrentou com obstinação a todos e dizia aos que queriam ou não ouvir: “juntos construímos a escola, a casa paroquial, erguemos a igreja, construímos a ponte sobre o Itajaí e juntos também vamos terminar a construção do hospital.

Assim ele solicitou ajuda aos mais abastados e aos menos favorecidos. Pela sua colaboração inspirava confiança e assim assumiu o comando da Sociedade Hospitalar, se bem que todos achavam que estivesse falida. E sob sua administração, o conselho se empenhou em conseguir recursos para a conclusão do prédio. Foi concluído após 18 meses de construção, um estabelecimento que ainda hoje pode-se igualar a qualquer outro do gênero.

O destino do hospital, como todos sabemos, foi difícil e com muitas mudanças durante e após a guerra. Foi usado num jogo de intrigas e interesses políticos, até que o Interventor do Estado, através de uma ordem judicial, o reconduziu a Hammonia para continuar a ajudar a popu-

cher politischer Interessen herabsank, bis es schließlich von den jetzigen Staatspräsidenten mittels einer sachlichen Ordnung wieder über alle politischen Diskussionen hinausgehoben und seinem Zwecke, der Bevölkerung dieser Zone zu helfen, wieder zugeführt wurde. In allen kritischen Augenblicken aber, zwischen Sturm und Wellen, die das Haus zu verschlingen drohten, sah man immer einen Mann am Steuer, erst als Baumeister, dann als Sündenbock, später als Vorsitzenden, jetzt als staatlicher Kurator des Hauses, beratend, begütigend, erklärend, unbeeinflusst von Stimmungen und Suggestionen, immer darauf bedacht, das Schiff dem Hafen seiner Bestimmung zuzuführen, in dem Krankheiten und Leid der Menschen Hoffnung und Heilung finden:

“den Alten Schelle”

Heute, 1964, stand das Ehepaar Schelle vor dem Altar seines diamantenen Ehejubiläums. Diamant und der Vorname Peter treffen den Nagel auf den Kopf. Beider Leben war immer von diamantener Härte von dem Augenblick an, als sie vor sechs Jahrzehnten in der grünen Hölle untertauchten, bis in die Zeiten des sonnigen Alters, da sie von einer Schar Enkel umgeben sind. Aber alle Stürme des Lebens konnten ihre festgefügte Weltanschauung nicht trüben, sie blieb lauter und klar wie ein Brillant und hart wie Granit, sie leuchtete und leuchtet noch immer ihren Kindern und Kindeskindern als Licht und Vorbild auf ihren Wegen, in Heimat und Fremde. So war es, so ist es, so bleibe es noch viele Jahre, in denen glückliche Tage, heiter und sonnig, das Ehepaar Schelle begleiten mögen.

Dr. Kröner

So hat sich Großvater Schelle ein ganzes Leben lang bemüht, nicht nur seiner Familie ein treusorgender Vater zu sein, sondern er hat auch an dem Aufbau Ibiramas, des alten Hammonia lebhaften Anteil genommen, daß der heutigen Generation Achtung und Ehrfurcht zur heiligen Pflicht macht. Mit dem Wahlspruch unserer 25. Julibewegung grüßen auch wir das Jubelpaar Peter Schelle, und wünschen ihnen einen weiteren geruhsamen Lebensabend im Kreise ihrer Lieben.

“Unsern Vätern zum Gedächtnis,
Uns zur Lehre,
Unserem Vaterland zum Heil.”

lação. Em todos os momentos críticos que ameaçavam o estabelecimento havia um homem no comando, a princípio como construtor, depois como bode expiatório, mais tarde como conselheiro e agora como curador estadual, aconselhando, aplacando, explicando e não deixando se influenciar por opiniões e sugestões, sempre com o objetivo de encontrar o caminho certo para garantir às pessoas doentes e sofredoras a esperança de cura. Este é o “velho Schelle”.

Neste dia 20 de junho de 1964, o casal Schelle esteve perante o altar, comemorando suas Bodas de Diamante. O sentido do nome Peter e da palavra diamante são idênticos. Em todos estes anos a vida do casal sempre foi muito dura, desde o momento em que chegaram a esta terra, até os dias felizes da velhice rodeados por netos. Mas os revezes da vida não mudaram sua visão clara e objetiva do mundo, e isto serve de exemplo e fonte de luz para seus filhos e netos. Assim foi, assim é, e que permaneça para que o casal Schelle ainda tenha dias felizes por muito tempo.

Deste modo o avô Schelle se empenhou durante sua vida, e não só se preocupou com sua família, mas contribuiu para o desenvolvimento de Hammonia, sendo que as atuais gerações lhe devem respeito. Ao casal Schelle desejamos felicidades junto a seus familiares e os saudamos com o lema da Federação das Sociedades “25 de Julho”:

“Em memória a nossos pais,
Para nós, lição de vida,
Pela glória de nossa pátria”

Burocracia & Governo

Inauguração do Pavilhão em Alumínio (PROEB)

**HERCÍLIO
DEEKE***



Discurso proferido em 23 de outubro de 1965, pelo Prefeito Municipal de Blumenau, Hercílio Deeke, por ocasião da inauguração do "Pavilhão Domo em Alumínio" e abertura da IV Famosc. Original em papel timbrado, em vermelho - insígnia do município - "Prefeitura de Blumenau - Santa Catarina", constante do volume nº 10 da "Crônica da Família Deeke" - 1662 a 1984. Série: "Discursos" - 91 (noventa e uma), pertencentes ao Acervo de Niels Deeke.

Ao ensejo da inauguração deste importante certame, não poderia o Governo Municipal deixar de vir trazer a quantos aqui comparecem a sua palavra de saudação e apresentar, igualmente, ao povo de Blumenau e Santa Catarina os seus parabéns por esta realização que é mais um atestado brilhante do quanto pode o espírito de iniciativa bem orientado, unido à vontade patriótica de ver o seu município e o seu Estado e destacado ressaltado no concerto das parcelas administrativas da Federação.

Escolhida para ser a sede desta Quarta Feira de Amostras de Santa Catarina (IV FAMOSC), Blumenau mereceu a preferência, não tanto pelo que representa como um dos mais importantes empórios fabris do sul do Brasil, como pela magna parte que lhe tocou na formação e desenvolvimento da era industrial, que tanto impulso vem dando ao enriquecimento de todo o país.

Realmente foi aqui, às margens do Itajaí, que a então província de Santa Catarina, começou a emergir de um largo período de estagnação eco-

*) Prefeito Municipal de Blumenau (1961-1966). Artigo compilado e organizado por Niels Deeke.

nômico-administrativa, para ensaiar a sua caminhada para destinos até então não imaginados e nem mesmo sonhados.

Foi efetivamente, com os pioneiros da colonização do Vale do Itajaí, seguidos de perto, se não precedidos, pelos povoadores das terras dotais da Princesa Dona Francisca que os rotineiros processos agrícolas e o rudimentar aproveitamento da matéria prima, passaram por transformações realmente notáveis.

Com a introdução do arado nas colônias recém fundadas e com o uso de utensílios e ferramentas mais aperfeiçoados e próprios ao trato da terra, com adoção de novas culturas, com a renovação de braços e métodos de cultivo, a agricultura tomou novos rumos.

As indústrias de extração de madeira para construção, de fabricação de açúcar e de farinha, arrastadas até então num primitivismo lamentável, começaram a contar com engenhos mais aperfeiçoados, passando-se da simples força braçal para a animal e a hidráulica.

As novas culturas como a do fumo e da mamona, abriram caminho para as indústrias de cigarrilhas e óleos vegetais; o trato do gado leiteiro, moldado no modelo europeu, ensejou clima para a fabricação dos produtos laticínicos que, durante muitas décadas, constituíram a maior e mais rentosa fonte de riquezas do Vale do Itajaí, carreando para os cofres do Estado e do país somas apreciáveis para a época.

E o espírito de iniciativa do colono, não contente com os sucessos que ia obtendo no aperfeiçoamento dos métodos que aqui encontrou, voltou-se para iniciativas mais arrojadas.

E foi assim que da modesta e grosseira fabricação de pedras para rebolos¹, de louça de barro, de vinhos de frutas e de cerveja, passou-se às indústrias de tecelagem de meias, da fiação do "rami" e do algodão para chegarmos à atual grandeza industrial, não apenas no que se refere à variedade, como, principalmente ao alto padrão de perfeição dos produtos fabricados.

¹) A fabricação de "pedras de amolar", laboradas a partir da rocha "Grés - um arenito" como o primeiro artefato produzido na Colônia é referido no terceiro relatório do Dr. Blumenau - elaborado em Desterro 18.1.1853 - in "Blumenau em Cadernos, tomo I, n.º 3, p. 44, o local de extração é conhecido, porém jamais citado.

Tal impulso comunicou-se a outras regiões do Estado e com o ânimo não menos decidido e operoso do colono que, das paragens do sul, veio povoar o oeste catarinense e com coragem e tenacidade e a persistência do caboclo do centro e do norte, levou Santa Catarina a culminância que lhe dá invulgar destaque no seio da comunidade brasileira e até mesmo além das fronteiras desta.

Blumenau pode-se orgulhar, com justas razões, de ter hoje reunido neste certame os frutos do trabalho e da experiência de várias gerações de catarinenses dedicados e patriotas que lutando pela sua própria e pela subsistências dos seus, pelo conforto que bem merecem, realizaram obra de incalculáveis benefícios à Nação, ao seu patrimônio econômico e ao seu prestígio perante os demais povos do universo.

É pois de justiça que se preste neste instante uma homenagem comovente e sincera à memória dos pioneiros que em todos os quadrantes do Estado, em cada uma de suas comunas, das suas cidades, das suas vilas e povoados, concorreram em todos os tempos, com maior ou menor parte, com o seu trabalho e as suas virtudes para que pudéssemos hoje apresentar ao Brasil e ao mundo o espetáculo que esta Feira tão brilhantemente concretiza.

E o Governo Municipal, através da pessoa de seu modesto Prefeito, fazendo-se o porta voz do seu povo, compraz-se em participar dessa homenagem, ao mesmo tempo que se congratula, de todo o coração, com quantos, direta ou indiretamente, concorreram para a realização deste extraordinário empreendimento.

Se de um lado foi inestimável, digno de todos os louvores, o esforço íngente dos membros da Comissão Executiva e de todos os demais integrantes das subcomissões da COEB, credores que se tornaram da sincera e profunda gratidão do município, por outro, não foi menos expressiva nem menos valiosa a contribuição dos Governos do Estado e da União para que a IV^a Feira de Amostras pudesse tornar-se a realidade estupenda que está sendo.

Desvanecido de ter sido parte, bem ponderável, na concretização desta Feira, não quer deixar o Governo Municipal de expressar, ainda, os seus sinceros agradecimentos aos abnegados integrantes dessa Comissão e das respectivas subcomissões; àqueles que, desinteressadamente, pres-

taram a sua contribuição ao encaminhamento das providências indispensáveis à divulgação e à propaganda do certame e os que, em iniciativas e realizações paralelas, embora autônomas, concorreram para o maior brilhantismo e o maior sucesso da promoção.

Os sinceros e profundos agradecimentos do Governo e do povo blumenauense também aos Comandos da 5ª. Região Militar e do 23º R.I., à sua oficialidade, aos seus soldados e à banda marcial; aos estabelecimentos de ensino; aos ilustres Comandantes do 5º Distrito Naval da 5ª. Zona Aérea, pela maneira tão gentil e devotada com que nos ajudaram a fazer da IVª Feira de Amostras uma verdadeira festa, não apenas regional e do Estado, mas até mesmo do país inteiro, facilitando o comparecimento da banda do Corpo de Fuzileiros navais e da Esquadilha da Fumaça.

Agradecimentos ainda e acrescidos de particular simpatia de nossa parte aos dignos expositores dos vários centros industriais do Estado e que, com tanto entusiasmo e boa vontade, aqui comparecem com os produtos de suas indústrias, menos para propagar-lhes as excelências do que para contribuir com sua parte para a importância e a maravilha do conjunto.

A eles, às empresas aqui tão bem representadas, se deve, sem dúvida alguma, a máxima parte do sucesso desta promoção.

Aos que atenderam ao nosso convite, às Autoridades presentes, aos turistas que aproveitam esta oportunidade para visitar Blumenau e a nossa Exposição, aos artistas e operários que se desvelaram em dar por terminados, em tempo recorde, os trabalhos do pátio e dos pavilhões, os calorosos agradecimentos de Blumenau e do seu Governo.

Senhores:

Ao se inaugurar a IVª Feira de Amostras de Santa Catarina é justo que se pense nas graças que a Providência tem derramado sobre a nossa terra e sobre o seu povo.

Blumenau, desde a sua fundação, não se afastou do caminho que os nossos pais lhe traçaram. Tem seguido, religiosamente os seus exemplos de trabalho abnegado, honesto e produtivo; de fé e de confiança no futuro glorioso do Brasil; de amor à Pátria e à liberdade; de absoluto respeito às leis e a autoridade constituída.

Orientados por esses princípios chegamos até aqui - por ásperos caminhos, é verdade - conscientes de que temos sabido cumprir com o nosso dever.

Elevem-se pois aos céus os nossos corações numa Ação de Graças sincera, numa prece fervente para que, deste marco glorioso que estamos inaugurando, partamos para novas e maiores realizações, para outras e magníficas conquistas pela grandeza e pela glória da Pátria comum.

Viva Blumenau! Viva Santa Catarina! Viva o Brasil!



Vista do pavilhão de Exposições construído no bairro da Velha, onde se realizou a IV Feira de Amostras de Santa Catarina.

Biografias

O Pintor Frederico Latta

EDISON
D'ÁVILA*



Fritz von Latta, que no Brasil transpôs seu nome para Frederico Latta, nasceu na Alemanha a 08 de abril de 1896, filho de Luiz Latta e Elisa Warlis. Na Alemanha, fez estudos e cursou a Escola de Belas Artes em Berlim.

Logo após imigrou para o Brasil, indo fixar-se inicialmente na freguesia de São Bonifácio, região de colonização alemã, no sul de Santa Catarina. No entanto, não se ocupou com trabalhos agrícolas, mas foi ser escrivão de paz da freguesia.

Em São Bonifácio, a 14 de janeiro de 1922, contraiu matrimônio com a catarinense Rosalina Kuerten, filha de Gustavo Kuerten e Laura Probst. Do casamento não houve filhos. Mais tarde o casal adotou como filho a Elmar Seidelmann, o qual se casou em Blumenau com Renate Clara Breitkopf¹.

Por não ver perspectivas profissionais animadoras no cargo de escrivão de paz da pequenina freguesia de São Bonifácio ou porque pretendesse exercitar a vocação artística e profissional de pintor, Frederico Latta deixou São Bonifácio, transferindo-se para o Vale do Itajaí.

Na década de 1930, Latta se encontrava radicado na cidade de Itajaí, onde logo adquiriu fama de pintor exímio e decorador de interiores. Montou uma equipe de trabalho que funcionava como uma escola de pintores. Dali saíram pintores que se tornaram famosos na cidade: José Rodrigues, Aurélio Lapa, Ary Agacci².

*) Historiador e Professor da UNIVALI (Itajaí).

¹) Entrevista de Marlene I. Breitkopf ao autor, Blumenau, 1993.

²) Entrevista de Pedro Ary Agacci ao autor, Itajaí, 1993.

Latta, na verdade, também pintava paredes porque na época não poderia sobreviver apenas da pintura artística. No que mais se comprazia era na pintura de interiores de igrejas. Aliás, os temas sacros muito o agradavam, aparecendo em inúmeros trabalhos. Além dos temas sacros, Latta também pintou paisagens e retratos, e fez restaurações.

Na pintura, tinha preferência por óleos sobre telas e pelas cores escuras. Era um pintor acadêmico, mas determinadas linhas de seu desenho e a escolha de suas cores deixam entrever certas influências expressionistas e cubistas.

As obras de Latta podem ser apreciadas no interior das igrejas de Atalanta e Urubici, em Santa Catarina, e suas telas se encontram em mãos de particulares; a maior delas com as famílias Breilkopf e Seidelmann em Blumenau.

Em Itajaí, se conhece apenas a tela a óleo, denominada "Batismo de Jesus", datada de 1932 e exposta no batistério da Igreja da Imaculada Conceição, antiga Matriz da cidade.

O clima político que empolgou a Alemanha nos anos 30 também envolveu Frederico Latta, brasileiro naturalizado desde a época do emprego de escrivão de paz em São Bonifácio. Em 1937, ele pintou o retrato do chanceler alemão Adolf Hitler e o mandou de presente; e em 08 de abril de 1938, a bordo do navio M. S. "Bahia", ancorado no porto de Itajaí, votou no plebiscito convocado para decidir questões políticas do III Reich³.

Declarada a II Guerra Mundial e com as restrições apostas à residência de alemães nas cidades litorâneas, Frederico Latta se transferiu para Atalanta, no Alto Vale do Itajaí, fixando residência. Após o falecimento de sua esposa, mudou-se para Blumenau, onde já residia o filho.

Foi em Blumenau, aos 82 anos, no dia 29 de novembro de 1979, que veio a falecer, sempre dedicado a sua pintura.

³) Dossiê Frederico Latta, Arquivo Histórico de Itajaí.

Memórias
Curiosidades
de uma Época

A Vida do
Colono

Texto:

SIGFRIED
*CARLOS WAHLE**



Quando os primeiros colonos começaram a se estabelecer no Vale do Itajaí, procuravam de preferência proximidades de nascentes, ribeirinhos ou riachos. A água era a primeira necessidade vital, não só para os seres humanos, como para os animais e as plantas.

No início da colonização, as condições de vida pouco diferiam daquelas do reinado de Nabucodonosor. A primitividade era gritante. Com todas as dificuldades o colono nunca perdera o ânimo e a vontade férrea de vencer na vida.

A mulher do colono era a escrava de seu lar. Ela catava a lenha para o fogo, cozinhava inicialmente numa panela pendurada sobre fogo aberto, o pão era assado num forno de barro ao ar livre. Assim, como as mulheres cozinhavam desde o começo da história, ainda cerca de dois terços das mulheres da superfície da terra hoje ainda cozinham.

As mulheres dos colonos com o fuso e o tear manuais produziam fios e teciam tecidos. Fusos e teares manuais, dos tipos já usados pelos antigos egípcios.

Cada dona de casa produzia o seu próprio sabão e as suas próprias velas. Tinham a incumbência de carregar a água desde o poço ou da nascente, não só até a cozinha para cozinhar, como para o banho pessoal, lavagem do piso, o areamento das mesas e para os animais. Uma toska pedra de moinho, iguais às usadas pelos antigos babilônicos, servia para moer grãos que eram plantados e colhidos com facões, por métodos mais velhos do que a história, debulhados e malhados manualmente.

Estas eram as condições existentes no início da época da fundação de Blumenau. Mesmo as-

*) Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".

sim preferiam as condições do Novo Munco do que os grilhões da tirania do Velho Mundo.

Nunca faltou ao colono força de vontade e iniciativa pessoal para se livrar das dificuldades que a vida lhe impunha, a fim de dotar aos seres humanos o seu próprio controle em todas as situações.

Ironicamente hoje em dia nos referimos àqueles tempos, como os velhos bons tempos.

Ainda no início da década dos anos 20, as condições de vida dos colonos pouco tinham mudado. O colono e sua família ainda andavam descalços. Botinas eram feitas por sapateiros locais e somente eram usados em festas, bailes e quando freqüentavam a Igreja. O sonho das moças era possuir um par de sapatos manufaturados. Estes só podiam ser comprados em Blumenau. Para isto vinham de carroça, sem molejo, andando por vezes de 3 a 4 horas sujeitos a uma forte trepidação, na frente sentavam os pais e numa tábua fazendo o papel de banco traseiro ia a moça ou as moças candidatas a um par de sapatos fabricados. Era uma época em que havia somente duas lojas de calçados em Blumenau, com um sortimento razoável.

Os colchões eram feitos com palha de milho. Pulgas e piohos eram comuns. Os cobertores eram forrados de penas de ganso.

Era uma época em que os garotos não conheciam o estilingue e usavam o bodoque com pelotas de barro secas ao sol. O colono dirigia-se à roça entre as 5 e 6 horas da manhã, de segunda a sábado. Voltava normalmente às 16 horas para ainda ter tempo de cuidar dos animais. Aos sábados voltava ao meio dia para tomar conta de suas obrigações de higiene. Quando não estava grávida ou não tinha responsabilidade com crianças pequenas, a mulher do colono também ia à roça, porém voltava mais cedo, para dar conta das suas atribuições domésticas. No início da década de 20 começaram a fazer uso da bicicleta, apesar das ruas de terra. Foi quando o aspecto da colônia mudara um pouco. Além do tráfego de carroças já se via também a bicicleta trafegando. Enquanto o trânsito ainda ficava restrito aos pedestres e aos cavaleiros.

É preciso reconhecer o interesse que os colonos demonstravam com a instrução de seus filhos. Era uma época em que a língua alemã predominava. Os colonos de uma certa área se juntavam para a aquisição de uma gleba de terra, em nome da sociedade escolar. Preparavam estas colônias com as edificações necessárias para uma colônia, mais uma casa que servisse de escola. Contratavam pela sociedade um professor, que além de

dar aulas, tinha que trabalhar, nas horas vagas, na colônia para completar o seu sustento. As crianças eram levadas à escola de carroça ou iam a cavalo, quando não a pé.

Os colonos compravam anualmente almanaques editados em língua alemã, o mais importante era editado pela firma Rotermund de São Leopoldo. Nem todos os colonos assinavam jornais. Os mais conhecidos eram o "Der Urwaldsbote" e "Blumenauer Zeitung", de influência protestante. Um outro jornal, editado pelos franciscanos em Curitiba, chamado "Der Kompass", era lido principalmente pelos colonos católicos. Como estes jornais eram hebdomadários, as notícias vinham sempre defasadas, porém o que mais lhes interessava eram os romances publicados em continuação. Por número de jornal eram 8 páginas do livro, o que correspondia a 1 a 2 livros por ano. Aqueles colonos que não possuíam assinatura, recebiam o jornal de seus vizinhos quando estes já os tinham lido.

A vida dos colonos era muito solitária e muito afastada dos recursos urbanos. Sobretudo de recursos médicos e farmacêuticos. Os colonos tinham os seus meios próprios para cuidar de doenças e acidentes. Na falta de condução apropriada para doentes ou acidentados, as vítimas eram levadas ao hospital quando o caso já se tornara desesperador. Aí preparava-se a carroça, forrando-se com 2 ou 3 colchões de palha de milho. A carroça era conduzida lentamente para evitar as fortes trepidações. A viagem assim levava duas a três vezes mais tempo. Os colonos também tinham recursos caseiros próprios de três tipos: emplastros, chás de ervas e hidroterapia (principalmente escalda-pés). O problema mais sério eram as picadas de cobras venenosas. Dada a distância e o tempo até a chegada a um hospital as conseqüências quando não eram fatais, provocavam seqüelas que muitas vezes deixavam os membros deformados.

Além de todas estas dificuldades, o colono ainda tinha que enfrentar, os seus dois maiores inimigos: as enchentes e as condições topográficas dos terrenos desfavoráveis. O nosso colono enfrentava tudo com resignação e paciência, tornando-se o grande herói anônimo, a quem Blumenau deve o que hoje é.

Artigos

As armas do Circolo Italiano di Blumenau

Texto:

EDISON
MUELLER*

O "Lira - Circolo Italiano di Blumenau", sociedade civil fundada em 30 de maio de 1989, tem como seus principais objetivos sociais: promover a conservação e a transmissão das tradições italianas, em particular, e também das tradições germânicas (como as competições de Rei e Rainha do Tiro e os desfiles festivos); desenvolver e estimular a música, o canto, a dança e a representação teatral; e promover entre os associados a prática do esporte amador em geral, notadamente o bocha, o bolão, o tiro-ao-alvo, o futebol e os esportes de mesa (cf. art. 4º dos estatutos sociais). São considerados sócios-fundadores do Circolo (em ordem alfabética): Alfredo Rotermund, Ângelo Fenilli, Antenor Osti, Carlinho Bogo, Cláudio Antoniazzi, Danil Anesi, Dario Tomaselli, Décio Moser, Dênis Locatelli, Emir Poffo, Ernesto Gazziero, Ervino Piaz, Honorato Tomelin, Ivo Vendrami, João Tomelin, Mário Binder, Moacir Galliani, Nelson Tomelin, Odete Poffo Campestrini, Onélio Cavaco, Oto Tomelin, Pedro Waldrich, Valdir Poffo, Victor Anderle e Vinício Fiamoncini.

A sociedade é dirigida por diretoria executiva composta de treze membros, a saber: diretor-presidente, diretor-vice-presidente, primeiro secretário, segundo secretário, diretor-financeiro, primeiro tesoureiro, segundo tesoureiro, diretor-social, diretor de patrimônio, diretor cultural, 2 diretores de esportes e diretor de tradições germânicas.

Em 1995, a pedido de sua diretoria executiva, criamos como insígnia oficial da sociedade



* Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pesquisador da História Catarinense e heraldista.

emblema heraldicamente ordenado - o escudo de armas do Circolo, cuja descrição e simbolismo vão a seguir indicados.

1. Descrição (brasonamento)

1.1 - Em português

De goles um quinqüefólio encerrado em um anelete, tudo de prata; chefe de ouro carregado com uma pala tripartida de sinople, de prata e de goles.

1.2 - Em italiano

Di rosso al cinquefoglie chiuso in un anello, il tutto d'argento; al capo d'oro caricato di un palo tripartito di verde, d'argento e di rosso.

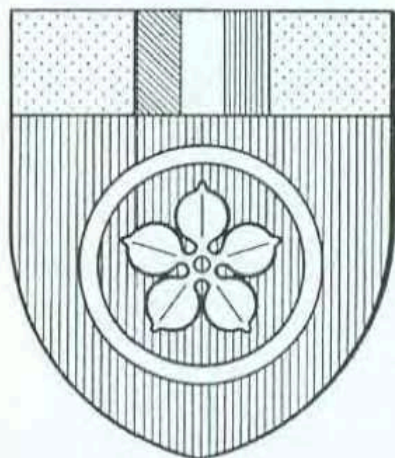
2. Simbolismo

No emblema da sociedade são lembrados, através de símbolos heráldicos escolhidos com critério, vários fatos que se completam entre si para identificá-la de maneira adequada e suficiente.

Na parte superior do escudo há, em ouro (amarelo), peça heráldica de forma retangular denominada “chefe” em português e “capo” em italiano, que, como seu próprio nome indica, tem função importante no emblema. Localizada sobre o centro dela há outra peça heráldica, denominada “pala”, assemelhada a uma fita estreita colocada em posição vertical e dividida, no mesmo sentido, em três partes iguais, que tem os seguintes esmaltes (de destra para sinistra): sinople (verde), prata (branco) e goles (vermelho).

A “pala” representa a bandeira nacional da Itália, cujas cores estão, portanto, associadas ao esmalte do mencionado “chefe”, ouro (amarelo), para lembrar, além do intrínseco vínculo afetivo e cultural do CIRCOLO com o citado país, a convivência harmônica e a perfeita integração social, no Brasil, dos imigrantes italianos e seus descendentes.

No centro do campo do escudo e encerrado no anelete há um “quinqüefólio”, popular flor heráldica que, como seu nome revela, possui cinco pétalas. Ele recorda, no emblema, através de alusão ao vocábulo



alemão “Blume” (isto é, flor), componente do nome BLUMENAU, a localização neste município da sociedade.

Os dois esmaltes, goles (vermelho) e prata (branco), respectivamente do “campo” do escudo e das duas peças heráldicas nele colocadas (anelete e qüinqüefólio), também revelam e confirmam esses vínculos regionais, porque correspondem às cores básicas da atual bandeira do município de Blumenau.

O anelete, pequeno aro metálico circular, de largura uniforme, desde a antiguidade tem sido usado, em sociedade e nas artes em geral, como símbolo de eternidade, da existência sem fim e da união perene, como sucede, por exemplo, nos aneletes de casamento, justamente denominados em português “alianças” nupciais. Nele está implícita, por conseguinte, também a idéia de obediência, de fidelidade fervorosa e de preservação consciente e permanente dos princípios éticos, sociais e culturais aceitos e assumidos. Na Arte Heráldica luso-brasileira o anelete também é denominado de “memória”.

Justifica-se bem, dessa maneira a presença do anelete no vertente emblema: faz alusão, por sua própria forma, à denominação da sociedade - CIRCOLO; e, ao mesmo tempo, simboliza os altos objetivos sociais dela - a preservação carinhosa e permanente das legítimas tradições culturais da Itália, de modo especial de seu idioma e de suas artes (canto, dança, folclore, culinária etc.).

**Autores
Catarinenses**

- Livros Novos
- Quem se Lembra dele?
- Variadas

Texto:

*ENÉAS
ATHANÁZIO**

BLUMENAU
em Cadernos

LIVROS NOVOS

Para o poeta e escritor gasparense Júlio Cesar Bridon dos Santos, além do sentido lúdico e artístico, a literatura há de ser um instrumento para a conquista da felicidade pessoal e do aprimoramento do se humano. Esse parece ser, num apanhado sumário, a mensagem central de seu livro de estréia "Caminhos da Paz". Em linguagem simples e direta ele transmite seus ensinamentos, sem pretensões impositivas, mas como um convite ao recolhimento e à reflexão. "Para que sejas feliz e tornes os outros felizes é necessário que te conheças, que saibas que és, de onde vieste e para onde vais. Deves saber que foste criado para ser feliz e tornar os outros felizes também" - diz ele, num trecho bem significativo de sua obra. Nem seria necessário dizer que se trata de uma leitura propícia para os dias conturbados que vivemos hoje.

Esse caráter estimulante e afirmativo da literatura coincide com o pensamento de Gilberto Amado, um dos meus escritores prediletos, cuja obra li com afinco. Ainda que sejam obras muito diferentes, para o mestre sergipano a literatura também deveria ser um instrumento para a felicidade e a realização do homem numa vida plena.

Em seu segundo livro, "Casa do Ano", Júlio Cesar discorre, em estilo vargasviliano, sobre a chegada de um homem misterioso, a quem ele chamou de John, e as conseqüências dela decorrentes, provocando mudanças na vivência de muitas pessoas e que, mais tarde, daria a todos

*) Escritor e advogado.

uma grande lição de vida. Esse enredo não passa, na verdade, de mero pretexto bem urdido para a disseminação das reflexões do autor sobre as questões existenciais e as suas conclusões.

Escritos em linguagem fluente e clara, os livros do autor gasparense são realizações de um escritor maduro e preparado, merecedor da atenção da crítica e do público.

Entre os livros novos surgidos no período, registro "A Língua das Sombras", de Vicente Cechelero (Editora Giordano - São Paulo), onde ele reúne um punhado dos poemas produzidos nos últimos anos. Poeta sensível e de amplos recursos, Cechelero mereceu gerais aplausos da crítica mais exigente, inclusive de Wilson Martins e Cyro Pimentel, por ocasião do aparecimento de seu livro anterior. Não hesito em prever idêntico sucesso para este.

Registro, ainda, "Borboletas no Varal", micropoemas de Dinivaldo Gillioli (Letras Contemporâneas - Florianópolis), "Jóia Líquida", de Pedro Albeirice, coletânea de poemas premiada pela FCC, e "Portas da Solidão", poesias de Erigutemberg Meneses, de Blumenau, revelando um excelente poeta. E registro, por fim, a participação do poeta catarinense Eliseu Oro na antologia comemorativa dos quinze anos da Editora João Scortecci, de São Paulo.

Como se vê, os poetas estão ativos e dominam o cenário.

QUEM SE LEMBRA DELE?

Nascido no Rio Grande do Sul, Glauco Rodrigues Corrêa adotou nosso Estado e aqui viveu a maior parte da vida, tendo falecido em Florianópolis. Integrou o "Grupo Sul" e foi membro da ACL. Diplomado em letras, lecionou na Escola Técnica Federal e na UFSC, defendeu tese de mestrado sobre a ficção de Silveira de Souza e foi editor da revista "Contos & Novelas". Recebeu o prêmio Virgílio Várzea em 1978. Publicou: "O Caso da Pasta Preta e Outros Casos" (contos), "Crime na Baía Sul" (novela), talvez a sua obra de maior sucesso, e "O Mistério do Fiscal de Canos" (novela). Participou, entre outras, das antologias "Assim Escrevem os Catarinenses" e "21 Dedos de Prosa", além de publicar na re-

vista que editava e em outros periódicos do Estado. Maiores dados sobre o escritor podem ser encontrados na “Enciclopédia de Literatura Brasileira”, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa (Vol. I, pág. 466). O “Indicador Catarinense de Escritores”, inexplicavelmente, omite seu nome.

VARIADAS

* Historiador campineiro, Odilon Nogueira de Matos publicou em jornal de Itu excelente artigo sobre José Ferreira da Silva, intitulado “O Historiador de Blumenau”.

* “Reciclo”, da artista plástica Adriana Frtizen, foi a exposição promovida pela UFSC, mostrando as potencialidades desse processo.

* “20 Visitar”, exposição de caricaturas de Geraldo Barcelos, também promovida pela UFSC, agradou em cheio.

* A UFSC está distribuindo o calendário de suas promoções para o segundo semestre do ano, abrangendo as mais variadas atividades em seus cursos e oficinas.

* Realizou-se em Balneário Camboriú o I Encontro de Artistas de Balneário Camboriú (UniArt 97), reunindo artistas plásticos de várias áreas, movimentando o Centro Cultural da Terceira Avenida.

* Realizou-se em Florianópolis a II Semana Cultural Polonesa, com palestras, exposição de trajes típicos, artes plásticas de raízes polonesas, cinema, enfoques históricos e jantar com culinária típica.

* Foram lançados os livros “Defesas Perante o Tribunal do Júri”, de Paschoal Pitsica, e “A Epopéia de uma Imigração”, de autoria do historiador Toni Vidal Jochen.

* Lancei nas cidades de Brusque e Gaspar meus livros “Um Artista Chamado Antônio”, biografia de Antônio Zendron, e “Vida Confinada”, autoficção, nos dias 5 e 8 de julho. Na primeira cidade a promoção foi da Família Zendron e na segunda do Jornal “A Voz do Vale”, que tem como editor-chefe o jornalista e poeta José Roberto Rodrigues.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=12 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=12 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1998** (Tomo 39). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

- Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
- Cheque
Banco:
Número:
Valor: R\$
- Dinheiro

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

- Aiga Barreto Mueller Hering
- Alfredo Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Antônio Roberto Nascimento
- Ariano Buerger e Família
- Armando Luiz Medeiros
- **Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S/A**
- Benjamim Margarida e Família
- Buschle & Lepper S/A
- Casa Flamingo Ltda
- Companhia Comercial Schrader
- Cooperhering
- **Cremer S/A**
- Curt Fiedler
- D. G. S. Factoring Fomento Comercial Ltda
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- Engepron - Engenharia, Projetos e Montagens Ltda
- Família Fouquet
- Genésio Deschamps
- Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
- **Hering Têxtil**
- Herwig Shimizu Arquitetos Associados
- HOH Máquinas e Equipamentos Industriais Ltda
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda
- Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda
- M.J.T. Representações e Serviços Ltda
- Madeireira Odebrecht Ltda
- Nelson Vieira Pamplona
- Niels Decke
- Padre Antonio Francisco Bohn
- Posto Hass Ltda
- Silvio Paulo Araldi, advogado, e família
- TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A
- Transformadores Mega Ltda
- UNIMED - Blumenau
- Victoria e Willy Sievert
- Waltec Eletro Eletrônica Ltda

A "Revista Blumenau em Cadernos" nasceu em 1957, sob a inspiração de José Ferreira da Silva. Nestes exemplares encontram-se temas voltados à história do Vale do Itajaí e Santa Catarina, como nos deixa claro o editorial de abertura do primeiro número da revista: *"Trataremos o passado e o presente de Blumenau, contados e registrados em cadernos mensais, para tornar mais conhecida a história do município, mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram a sua grandeza atual e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e de estímulo aos que, na hora que passa, trabalham para que o nosso futuro não seja menos glorioso que o nosso passado"*.

Com o passar dos anos a revista se firmou, tornando-se um periódico excepcional pela sua circulação ininterrupta desde 1957, graças às colaborações recebidas de assinantes e algumas empresas do Vale do Itajaí.

Ao alcançar os seus quarenta anos de periodicidade, a Revista "Blumenau em Cadernos" preserva ainda hoje características que a constituíram, procurando adequar-se às novas e atuais linhas de pesquisa.



**BLUMENAU
EM CADERNOS**

40 ANOS

1957 - 1997